

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

JULIA FARIAS INÁCIO

**PROJETO “ESCOLAS NO MUSEU”: UMA EXPERIÊNCIA COM ENSINO DE
HISTÓRIA NO MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA (2003 a 2008)**

FLORIANÓPOLIS

2014

JULIA FARIAS INÁCIO

PROJETO “ESCOLAS NO MUSEU”: UMA EXPERIÊNCIA COM ENSINO DE
HISTÓRIA NO MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA (2003 a 2008)

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel e Licenciatura em História.

Orientadora: Profa. Dra. Joana Vieira Borges.

FLORIANÓPOLIS

2014



ATA DE DEFESA DE TCC

Aos cinco dias do mês de dezembro do ano de dois mil e quatorze, às quatorze horas, na sala trezentos e onze do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pela Professora **Joana Vieira Borges**, Orientadora e Presidente, Professor **Elison Antonio Paim**, Titular da Banca, e Professora **Clarícia Otto**, Suplente, designados pela Portaria nº 46/TCC/HST/14 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica **Julia Farias Inácio**, subordinado ao título: "Projeto Escolas no Museu: Uma experiência com o ensino de história no Museu Histórico de Santa Catarina, sede no Palácio Cruz e Sousa". Aberta a Sessão pela Senhora Presidente, a acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, a mesma foi argüida pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo a candidata recebido da Professora **Joana Vieira Borges**, a nota final 8,5, do Professor **Elison Antonio Paim**, a nota final 8,5, e da Professora **Clarícia Otto**, a nota final; sendo aprovada com a nota final 8,5. A acadêmica deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 12 de dezembro de 2014. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela Candidata.

Florianópolis, 5 de dezembro de 2014.

Banca Examinadora:

Prof.^a **Joana Vieira Borges**

Prof. **Elison Antonio Paim**

Prof. **Clarícia Otto**

Candidato **Julia Farias Inácio**

RESUMO

INÁCIO, Julia Farias. **Projeto “Escolas no Museu”**: Uma experiência com ensino de história no Museu Histórico de Santa Catarina (2003 a 2008). Florianópolis. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel e Licenciatura em História. Orientadora: Profa. Dra. Joana Vieira Borges.

Este trabalho visa compreender o ensino de história através da análise dos instrumentos avaliativos resultantes do Projeto “Escolas no Museu”, realizado no Museu Histórico de Santa Catarina (MHSC) entre os anos de 2003 a 2008. A análise sobre esta ação educativa considerou os documentos elaborados pelo projeto em questão e apresentados ao MHSC como uma proposta de intervenção pedagógica, bem como as produções finais elaboradas por professores/as e alunos/as de algumas escolas da rede estadual de ensino de Santa Catarina. O objetivo maior deste trabalho é debater a respeito da mobilização dos saberes históricos em espaços não escolares atentando, especialmente, aos conceitos de tempo e memória trabalhados por meio da peça teatral desenvolvida pelo Projeto “Escolas no Museu”. A intenção é discutir sobre os temas abordados pelas ações educativas realizadas no MHSC e que tiveram o ensino de conceitos históricos como base. Busca-se com este trabalho contribuir para futuras experiências que tenham por objetivo a problemática do ensino de história em espaços não-formais de ensino, potencializando cada vez mais o museu como espaço de educação.

Palavras-chave: Ensino de história. Projeto “Escolas no Museu”. Tempo. Memória.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1:	Fotografia de uma das ações do Projeto Escolas no Museu	22
Figura 2:	Digitalização do Jornal <i>A NOTÍCIA</i> sobre o Projeto “Escolas no Museu”	25
Figura 3:	Capa do material didático <i>Momentos no Palácio</i> . Projeto “Escolas no Museu”, Florianópolis.	27
Figura 4:	Capa do material didático <i>Uma aventura no Museu!</i> Projeto “Escolas no Museu”. Ano IV	29
Figura 5:	Reprodução Do material didático <i>Uma aventura no Museu!</i> Projeto “Escolas no Museu” Pág.	31
Figura 6:	Capa do material <i>Um museu-palácio em Santa Catarina</i> . Projeto “Escolas no Museu”.	32
Figura 7:	Ficha de avaliação do Projeto Escolas no Museu – Ano II	44
Figura 8:	Carta da professora que visitou o projeto aos personagens Tempo e Memória	47
Figura 9:	Produções artísticas sobre o Projeto “Escolas no Museu”	49
Figura 10:	Produções artísticas sobre o Projeto “Escolas no Museu”	50
Figura 11:	Produção textual de um aluno da E.B. Altino Flores. Florianópolis, 2005.	52

SIGLAS

FCC – Fundação Catarinense de Cultura

MHSC – Museu Histórico de Santa Catarina

NAE – Núcleo de Ações Educativas do MHSC

IHGSC – Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UNISUL – Universidade do Sul de Santa Catarina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	MUSEU, EDUCAÇÃO E O PROJETO ESCOLAS NO MUSEU	11
2.1	Museu Histórico de Santa Catarina: criação e apresentação	11
2.2	Museus: espaços de educação não formal	16
2.3	Museu Histórico: Uma tipologia	19
2.4	O que foi o “Projeto Escolas no Museu”?	20
3	O PROJETO E SEUS CONCEITOS HISTÓRICOS	26
3.1	Os materiais didáticos	26
3.2	Conceitos históricos utilizados na peça <i>Momentos no Palácio</i>	33
3.3	Tempo	34
3.4	Memória	38
4	OS INSTRUMENTOS AVALIATIVOS DO PROJETO	41
4.1	O que, como e porque avaliar?	41
4.2	O que dizem as fichas avaliativas dos professores	43
4.3	Os/as estudantes e suas produções	46
4.3.1	Produções Artísticas	48
4.3.2	Produções Textuais	51
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
6	REFERÊNCIAS	57

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto da minha experiência de estágio não-obrigatório pelo Programa Novos Valores. Por dois anos fui encarregada das pesquisas históricas na área da Reserva Técnica do Museu Histórico de Santa Catarina (MHSC), o que fez com que eu me aproximasse de todas as tipologias do acervo (museológicos, arquivísticos, arquitetônicos, bibliográficos) que compõem parte do Museu. Diante dessa prática cotidiana, o contato com o NAE (Núcleo de Ações Educativas) era contínuo. As ações educativas sempre me interessaram e a sua prática na instituição me parecia um tanto curiosa. Curiosidade esta que fez com que me envolvesse com as pesquisas do acervo documental no núcleo e que, posteriormente, levou-me ao apanhado de papéis amarelados referentes aos documentos sobre o Projeto “Escolas no Museu”.

Nesse sentido, esse trabalho pretende discutir sobre o ensino de história no Museu Histórico de Santa Catarina (MHSC) através da análise dos instrumentos avaliativos resultantes do Projeto “Escolas no Museu”. O Projeto aconteceu nas dependências do MHSC entre os anos de 2003 a 2008 e contou com participações e parcerias de diferentes instituições de ensino para sua realização. O Projeto buscava afirmar a função difusora cultural do MHSC e o seu papel preservacional. Conforme a apresentação do Projeto:

A elaboração de uma ação cultural específica para este espaço aperfeiçoou a relação das escolas, comunidade e Museu e tem possibilitado aos estudantes um contato mais abrangente com os assuntos relacionados aos acervos, como também constituído vias de contato de produções culturais da sociedade, que de outra forma não teriam acesso.¹

Várias escolas de Santa Catarina participaram desse projeto, que contava com uma apresentação teatral intitulada “*Momentos no Palácio*”, encenada nos espaços do MHSC. Seu principal objetivo era apresentar e problematizar, por meio de ações como teatro, alguns aspectos da história de Santa Catarina, trabalhando conceitos de tempo e memória.

Dar destaque a esta temática nos dias atuais é reflexo da preocupação com o ensino-aprendizagem que acontece nos espaços formais e não informais de ensino. Ações como esta propõem aproximar a escola do museu, bem como a sociedade do mesmo, e contribuem para o entendimento de questões de cunho histórico,

¹ “Escolas no Museu – ano III”. Documento de apresentação do Projeto no documento oficial encontrado nos arquivos do MHSC.

memorialístico, patrimonial e educacional. É preciso salientar que existem múltiplas formas de aprendizagem fora da convencional sala de aula e que cabe ao professor explorá-las de maneira a contribuir para o ensino-aprendizagem.

Sobre as fontes documentais do Projeto “Escolas no Museu”, utilizei documentos provenientes do acervo arquivístico do NAE do MHSC. Esses documentos são: o projeto de apresentação e execução do Projeto “Escolas no Museu”; as produções de catálogos e material educativo destinados ao público escolar; as fichas de avaliação dos professores e as produções dos alunos feitas na sala de aula após a visita ao museu.

Optamos por dividir o trabalho em três capítulos. Para um melhor entendimento do que irá ser abordado, apresento a seguir um breve resumo dos mesmos. No primeiro, inicio com uma apresentação do MHSC dialogando com alguns trabalhos que abordam aspectos de sua trajetória. Discutirei ainda o museu como um espaço de educação e, conseqüentemente, de ensino de história. Um espaço cultural que deve ser acessado a todos e todas. Para finalizar, o projeto “Escolas no Museu” é apresentado ao leitor através de seus documentos - encontrados no acervo arquivístico do MHSC – e que destacam, por exemplo, o seu planejamento e objetivos. O intuito deste projeto era proporcionar uma atração que envolvesse as escolas e a comunidade, voltando o olhar para a história da edificação, que vai de encontro com a do Estado de Santa Catarina.

No segundo capítulo, abordaremos os materiais didáticos produzidos pelo Projeto. Bem ilustrado e de fácil linguagem, os materiais permitem reflexões extras das informações contidas na peça, pois são elaborados através de pesquisas históricas. Ainda neste capítulo, abro a discussão sobre os conceitos históricos que foram utilizados na peça teatral – Tempo e Memória –, respectivamente personagens da peça que fazem parte do Palácio Cruz e Souza (edifício sede do MHSC).

No terceiro, analisarei as produções dos alunos e dos professores sobre o Projeto. Nas fichas avaliativas que os professores responderam após a visita, busco perceber as impressões e as contribuições do projeto para com o ensino de história e para a experiência profissional do educador. Sobre as produções dos alunos, separadas em dois grupos (produção artística e produção textual), o olhar se dirige à presença dos conceitos históricos (tempo e memória) nas atividades, investigando a apresentação dos mesmos nas produções, conseqüência da mobilização dos saberes históricos em espaços não escolares.

Finalizo reforçando que esta pesquisa reflete uma discussão importante que contempla o ensino de história e suas apropriações em espaços fora da escola.

Potencializar o ensino em lugares como este afirma a valorização do patrimônio e a memória da cidade, além de ser um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização da herança cultural da comunidade local.

2 – MUSEU, EDUCAÇÃO E O PROJETO ESCOLAS NO MUSEU

A proposta deste capítulo é apresentar de maneira breve uma amostra das pesquisas sobre o Museu Histórico de Santa Catarina (MHSC), com sede no Palácio Cruz e Sousa com o intuito de pensá-lo como um espaço de educação não formal para o ensino de história. Para traçar alguns aspectos relevantes da trajetória histórica do MHSC, realizei um levantamento bibliográfico sobre a instituição – pesquisas, livros, dissertações e teses – problematizando como esses documentos narram sua história. Apresentarei uma breve discussão sobre o museu como um espaço de educação não formal sobre o ensino de história, as ações educativas como estratégias deste objetivo e a importância para a sociedade. Introduzirei ao leitor o “Projeto Escolas no Museu” objeto de análise desta pesquisa através de documentos encontrados no acervo arquivístico do MHSC.

2.1 – Museu Histórico de Santa Catarina: criação e apresentação

Criado para ser a instituição “protetora” da história política do Estado de Santa Catarina, o Museu Histórico de Santa Catarina foi criado através da Lei nº 5.476, de 04 de outubro de 1978, pelo governador Antônio Carlos Konder Reis, que possuía, entre outras formações acadêmicas, o título de museólogo. Sobre a Lei de criação citada a cima, trago seus artigos principais artigos:

Art. 1º Fica criado o Museu Histórico de Santa Catarina, vinculado à Secretaria da Educação e Cultura.

Art. 2º O Museu Histórico de Santa Catarina será instalado no prédio da antiga Alfândega de Florianópolis, de valor histórico e tombado pelo Instituto do patrimônio Histórico e Artístico nacional.

Art. 3º Os recursos necessários à instalação e à manutenção do Museu Histórico de Santa Catarina correrão à conta das dotações orçamentárias da Secretaria da Educação e Cultura.

Parágrafo único. O museu Histórico de Santa Catarina poderá aceitar contribuições e doações.²

O primeiro Grupo de Trabalho, que incluía intelectuais³ da época, propôs um museu pautado na história política, uma vez que estava fixado na capital do Estado. Do mesmo modo, e considerando o contexto da época, período da ditadura militar (1964 –

² Lei nº 5.476, de 04 de outubro de 1978, homologada pelo governador Antônio Carlos Konder Reis.

³ Carlos Humberto Corrêa, Sílvia Amélia Carneiro da Cunha e Sérgio Schmitz, professores da UFSC; Jali Meirinho, membro do IHGSC; Maria Ester Teixeira Cruz da UDESC.

1985), defendia uma história essencialmente economicista e política, com a exaltação de figuras ilustres do estado, os “heróis do estado”. É nesta conjuntura que foi inaugurado o Museu Histórico de Santa Catarina (MHSC) em 09 de março de 1979, com sede provisória no andar superior da antiga Alfândega⁴.

A criação do MHSC, nesse sentido vai de encontro à segunda configuração⁵ do patrimônio no Brasil, que se deu entre os anos de 1969 e 1979, e esteve ligada a uma concepção de patrimônio que valorizava conjuntos urbanos, conforme apresenta Andréa Ferreira Delgado em seu artigo, além da delimitação de centros históricos ligados a uma política de turismo⁶. É nessa perspectiva que o museu pode sim ter sido criado, contendo conexões essa proposta nacional. Delgado afirma:

O vínculo entre patrimônio e conjunto urbano denota uma alteração das práticas preservacionistas estabelecidas até então, pois a exemplaridade não está situada em monumentos destacados da paisagem da cidade. Ao contrário, a ação do poder público conforma um conjunto de bens culturais e delimita o centro histórico para caracterizar determinadas cidades com o “monumento nacional”.⁷

Esse movimento que é feito a partir da ideia que rege essa segunda configuração do patrimônio no Brasil tem um reflexo para a localidade aqui estudada. O centro histórico de Florianópolis é conjunto de bens edificados (históricos) que foram passíveis de atos preservacionistas, como o tombamento, visando os monumentos que concentram a presença de símbolos da memória da cidade e do estado neste mesmo local.

Como ato preservacional, o Palácio Cruz e Sousa foi tombado pelo decreto estadual de 26 de janeiro de 1984, e transferido para o Palácio localizado na Praça XV de Novembro em 1986. Atualmente, o museu é uma instituição museológica gerido pela

⁴ O prédio da Alfândega, construído em estilo neoclássico, localizado no atual centro histórico de Florianópolis, foi inaugurado em 29 de julho de 1876. As atividades alfandegárias no imponente prédio duraram mais de 90 anos, encerrando-se apenas em 1964 em decorrência da decadência e fechamento do porto de Florianópolis. Esse prédio substituiu o anterior que, em 24 de abril de 1866, misteriosamente, explodiu. Disponível em: <<http://www.fcc.sc.gov.br/casadaalfandega/pagina/4469/historico>> Acesso em: 06 de dezembro de 2014.

⁵ Termo utilizado pela autora Andréa Ferreira Delgado para explicar sobre os diferentes momentos do patrimônio no Brasil, em seu artigo intitulado “Configurações do campo do patrimônio no Brasil” no livro: BARRETO, Euder Arrais et. al. **Patrimônio cultural e educação: artigos e resultados**. Goiânia, 2008.

⁶ DELGADO, Andréa Ferreira. Configurações do campo do patrimônio no Brasil. In: BARRETO, Euder Arrais et. al. **Patrimônio cultural e educação: artigos e resultados**. Goiânia, 2008. p.104.

⁷ Ibidem. p. 105.

Fundação Catarinense de Cultura (FCC), e tem como sede o Palácio Cruz e Sousa⁸, localizado na Praça XV de Novembro, no centro de Florianópolis.

Após realizar um levantamento bibliográfico das produções que tomam o MHSC como tema, não obtive muito sucesso, contudo selecionei os 3 títulos dos poucos que me pareceram relevantes: a tese de doutorado, intitulada “*O Museu Histórico de Santa Catarina: Discurso, poder e patrimônio*”, e defendida em 2010 por Katiane Brunhs⁹; o livro de Manoel Gomes, “*Do Palácio Rosado ao Palácio Cruz e Sousa – Quando, como e porquê*”, publicado em 1980; e a dissertação de Tathianni Cristini da Silva, intitulada “*O patrimônio cultural no centro de Florianópolis: um estudo do Museu Histórico de Santa Catarina e o Museu Victor Meirelles na preservação e produção da cultura*”, defendida em 2004¹⁰.

Na obra de Manoel Gomes, destaco duas partes no livro, na primeira, o autor trata da história da edificação, caracterizando aspectos de do contexto de sua produção. Gomes escreve sua narrativa muitas vezes se baseando em dois autores que abordam a temática histórica catarinense, o historiador Osvaldo Rodrigues Cabral e o político Virgílio Várzea. Sobre a história da edificação, o autor apresenta uma série de fatos ocorridos no Palácio durante o período em que o espaço serviu de moradia de governadores e políticos da elite do Estado. Esses eventos destacados pelo autor dizem respeito, por exemplo, nascimentos e casamentos que ocorreram no Palácio enquanto este serviu de residência. Gomes narra ainda com detalhes as festas dadas pelos governadores para a alta sociedade, destacando os cardápios servidos, descrevendo os vestidos das damas e os trajes dos cavalheiros que adentravam ao Palácio para poder desfrutar do evento.

Outros fatos históricos como, por exemplo, a Revolução Federalista, a Revolução de 1930, entre outros episódios acontecidos no Palácio, também são explorados pelo Gomes. Um desses episódios que Gomes relata envolve a dança do “Boi de Mamão”, uma prática popular da Ilha de Santa Catarina, segundo José

⁸ A exata data da construção é desconhecida, mas há registros do prédio no ano de 1785. Disponível em: <<http://www.guiafloripa.com.br/cultura/museus/museu-historico-santa-catarina-palacio-cruz-sousa>> Acesso em: 23 nov. 2014.

⁹ BRUNHS, Katiane. **O Museu Histórico de Santa Catarina: Discurso, poder e patrimônio**. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2010 (Tese de Doutorado)

¹⁰ SILVA, Tathianni Cristini da. **O patrimônio cultural no centro de Florianópolis: um estudo do Museu Histórico de Santa Catarina e o Museu Victor Meirelles na preservação e produção da cultura**. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2004. (Dissertação de Mestrado)

Boiteux¹¹ no seu livro de crônicas da antiga cidade de Desterro, que ocorreu no Palácio em dezembro de 1871 o seguinte fato: O presidente da província na época Dr. Joaquim Bandeira de Gouvêa, ao saber que naquela noite haveria “dança do boi” viria à rua, resolveu não apenas conhecer a prática como também convidou a todos que participaram da dança (o mestre vaqueiro, cavalinho, cabrinha, o pai Mateus, etc.). O episódio acabou sendo o estopim para a retirada do governador da época, após o mesmo ter permitido essa prática popular entrar no Palácio e ainda fazê-la subir ao Salão de Jantar para dançar e animar a festa que acontecia. ¹² Episódio singular que ocorreu no Palácio nos faz pensar sobre o espaço destinado a elite local e suas apropriações e como tudo que é contrario a ela não tem lugar naquele espaço.

Na última parte do livro, Manoel Gomes apresenta a restauração de 1979, ano este em que também se inaugura o Museu, significando a restauração, onde se trata de uma nova função que se dá ao espaço do Palácio. Através de documentos e fotografias ele narra, de modo a deixar registrado para futuros pesquisadores/as, como foi feito o procedimento para a revitalização do edifício, permeado por seu valor histórico e arquitetônico, o que fez com que a importância desse processo fosse bem registrado e documentado.

Na pesquisa de Thatianni Cristini da Silva, o MHSC é apresentado como desafio de vir a entender melhor as facilidades e dificuldades encontradas pelos profissionais e visitantes dos museus estudados em sua pesquisa. A autora contextualiza o histórico do museu, e o seu início caracterizou-se prematuro, através da política de aquisição de acervo, que na sua primeira década de existência dependia de doações das famílias dos governantes, não condizendo muitas vezes com a função e a leitura do espaço. Sobre a expografia¹³, Silva em 2004 defende que o museu continua “promovendo falsas impressões sobre o cotidiano no Palácio”¹⁴ através da composição de um cenário que tenta reconstituir um ambiente teatralizado através de ambientes que tentam remontar os cômodos durante seu uso como Palácio de Governo, denunciando que a lacuna que fica é “Afinal, qual o papel daquele museu?”

A autora promove uma discussão que parte do olhar do visitante, lembrando que a comunicação do museu é o seu principal objetivo. A precariedade nas informações

¹¹ BOITEUX, José Artur. **Águas passadas**. Florianópolis, SC: Livraria Central, 1932.

¹² GOMES, Manoel. **Do palácio rosado ao palácio Cruz e Sousa** – Quando, como e porquê. 2a Ed. Florianópolis, 1980. p. 36 e 37.

¹³ Este termo é utilizado no campo da Museologia, portanto "expográfico" é a condição que tem o espaço de ser a coisa "exposta". Lugar onde se encontram os acervos expostos bem como a sua organização.

¹⁴ SILVA, Tathianni C. da. **Op. Cit.**, p. 99.

sobre os acervos e os espaços se faz presente, e só através da fala das monitoras, muitas vezes permeadas de datas e fatos, é que alguns pontos importantes sobre sua história são apresentados. Outro ponto destacado é a questão da falta de profissionalização dos funcionários que são responsáveis pela construção de narrativas a respeito do MHSC. Em geral, pessoas terceirizadas e que não possuem uma formação acadêmica específica para exercer uma função que precisa de alguns pré-requisitos essenciais quando o assunto é a perpetuação/reprodução de uma narrativa memorialística que não é atualizada em diálogo com as pesquisas e os debates produzidos.

Silva conclui fazendo uma comparação em relação à visitação de estrangeiros na Ilha e os que visitaram o MHSC, resultando em um número baixo em relação as outras instituições museológicas da cidade, onde a mesma entende que a falta de divulgação nos meios de comunicação é consequência desta ausência. A autora defende que ações de divulgação ajudariam na divulgação das atividades do MHSC, logo para a autora em 2004, os números de visitas seriam diferentes e, conseqüentemente, a reputação seria outra.

A respeito do MHSC e suas questões recentes, a tese de Katiane Bruhns, defendida em 2010, traz uma narrativa com um viés político mais apurado em relação à questão da instituição cultural. Bruhns apresenta o contexto de criação do MHSC mostrando que nesse momento havia uma discussão de valorização da produção intelectual que fosse “genuinamente catarinense”. O reflexo dessa política foi então a criação e o estabelecimento de vários museus no Estado, principalmente na capital, tendo como exemplo o Museu de Arte de Santa Catarina (MASC). A autora também evidencia o período de transição que o Palácio vivenciou: de Palácio do Governo (Palácio dos Despachos, como era popularmente conhecido) até o ano de 1984, para Palácio Rosado, onde passa a ser um museu e é aberto ao público em setembro de 1986. Para Bruhns, é nessa fase em que “saí o poder e entra a cultura”¹⁵.

Outros pontos levantados pela autora, dizem respeito à formação da expografia do museu: como foi formada? Através de quais acervos? O que seria então selecionado para fazer parte da sua narrativa? Sobre o discurso expositivo, Bruhns responde que primeiramente caracteriza uma função ideológica, permeada por decisões políticas e para as quais a “memória” e a “identidade” estão em jogo. Em diálogo com o autor José R. S. Gonçalves, cita: “As narrativas históricas formadoras de um discurso acerca da nação, materializados de forma alegórica nos objetos numa relação contínua entre

¹⁵ BRUNHS, Katiane, *Op. Cit.* p. 44

desaparecimento/destruição e conservação”¹⁶. Uma realidade vivenciada no MHSC, pois é justamente através de elementos como estes que a narrativa¹⁷ foi construída e é mantida até os dias atuais. Para concluir, a autora defende o Museu como sendo a ponte entre presente-futuro, responsável pela perpetuação e guarda dessas memórias que deveriam tornar-se integrantes do cotidiano da cidade de Florianópolis.

Foi através destas bibliografias apresentadas que pude ter uma breve noção da apresentação no Museu Histórico de Santa Catarina no campo bibliográfico das produções. A seleção dos mesmos aconteceu através da relevância para ser compreendido as perspectivas de cada trabalho ao olhar a instituição. Obras que abarcam a parte histórica e da edificação, como é o caso da obra de Manoel Gomes, ajuda-nos a compreender reflexões sobre patrimônio desenvolvidas há três décadas. Já o trabalho de Tatianni Silva evoca um olhar voltado ao turismo e compreende a instituição através desse seu papel. Com Katiane Bruhns pude compreender o museu mais como um lugar de disputa, através de sua trajetória como edificação do estado e também como instituição museológica.

2.2 – Museus: espaços de educação não formal

“ (...) Como instituição dedicada à memória e à celebração do passado, os museus desempenham um papel fundamental na construção de ideologias e identidade sociais.”¹⁸

Primeiramente, acho válido apresentar um brevíssimo histórico sobre a instituição: museu. Baseada no artigo¹⁹ *Museu como lugar de memória*, de Andréa Falcão²⁰ para a coleção *Salto para o Futuro*²¹, percebemos que a origem dos museus é um tanto quanto singular. Conforme podemos perceber a partir das referências nos

¹⁶ GONÇALVES, José S. **A Retórica da Perda**. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ/ Ministério da Cultura/ IPHAN, 1996 Apud BRUNHS, Katiane, **Op. Cit.**, p.32.

¹⁷ A narrativa aqui mencionada caracteriza a usada pelas monitoras para apresentar o MHSC as visitas guiadas que são em sua maioria conduzida para as escolas e colégios.

¹⁸ FALCÃO, Andrea. Museu como lugar de memória. In: **SALTO PARA O FUTURO**. Museu e Escola: educação formal e não formal – Ano XIX – nº 3 – maio de 2009. Secretaria de Educação a Distância – Ministério da Educação, p. 12. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012191.pdf> Acesso em: 10 set. 2014.

¹⁹ FALCÃO, Andrea. **Op. Cit.** p.05.

²⁰ Doutora em Ciências Sociais pelo PPCIS – UERJ. Mestre em Memória Social pela UNIRIO, formada em Educação Artística e História da Arte – UERJ. É professora de Patrimônio Cultural, membro da Rede de educadores em Museus e do Fórum de Culturas Populares, Indígenas e Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro.

²¹ FALCÃO, Andrea. **Op. Cit.** p. 06

textos clássicos, como em escritos dos historiadores Homero e Plutarco, a prática de colecionar objetos de arte ou materiais raros era realizada já na Antiguidade²². Na Idade Média reunir obras de arte era visto como sinal de prestígio. Após a descoberta do “novo mundo” com as grandes navegações que a formação de coleções de objetos artísticos e naturais serviram para complementar os gabinetes de curiosidade²³. Podemos dizer que os primeiros museus surgiram a partir de coleções privadas das famílias ou instituições da elite. Com a Revolução Francesa (1789-1799) que temos o primeiro museu de caráter público, o famoso Museu do Louvre, instalado no Palácio do Louvre em Paris desde 1793. É a partir daí que o museu começa a ser visto como um instrumento educativo e democrático, por permitir livre acesso de visitantes às coleções das realidades. Seu caráter educativo trás consigo sua responsabilidade quanto instituição mantenedora de memória.

Caracterizando-se como um espaço de aprendizado e conhecimento, o museu passa a ter a responsabilidade de comunicar/educar uma geração de uma comunidade e/ou de uma região, ilustrando períodos com narrativas e espaços. Por ser um espaço de educação não formal, no museu existe o fator curiosidade mais aflorado do que nas outras instituições, despertando em seus visitantes o interesse pelo conhecimento cultural, regional, espacial e histórico.

Curioso notar que na definição de museu, o quesito educação já se faz presente. De acordo com a Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que instituiu o Estatuto de Museus:

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.²⁴

²² Idem.

²³ Entende-se por gabinetes de curiosidade os espaços que entre os séculos XVI e XVII eram reservados para a salvaguarda de objetos raros e coleções de história natural. Esses acervos pertenciam a colecionadores advindos da nobreza e muitos dos objetos eram oriundos das viagens ao “Novo Mundo”. Cf. PEREIRA, Rosa Maria Alves. Gabinetes de curiosidades e os primórdios da ilustração científica. **Atas do II ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE**: estudos transdisciplinares e métodos de análise. Campinas, SP: IFCH / UNICAMP, 2006. Disponível em: <http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2006/PEREIRA,%20Rosa%20Maria%20Alves%20-%20IIIEHA.pdf> Acesso em: 24 set. 2014.

²⁴ Disponível em: <http://www.museus.gov.br/os-museus/o-que-e-museu/> Acesso em: 09 set. 2014.

O que a lei coloca vem de encontro com a discussão que por ora desenvolvo neste subtítulo “Museu: espaço de educação não formal”, uma vez que para iniciar uma discussão sobre espaços de educação não formal precisamos entender que tipo de educação é esta e o que a distingue das outras formas educacionais. Andréa Falcão nos ajuda a entender a distinção quando defende que:

(...) educação formal pode ser resumida como aquela que está presente no ensino institucionalizado, cronologicamente gradual e hierarquicamente estruturado, e a informal como aquela a qualquer pessoa adquire e acumula conhecimento, através da experiência diária em casa, no trabalho, no lazer. A educação não formal, porém, define-se como qualquer tentativa educacional organizada e sistemática que, normalmente, se realiza fora dos quadros do sistema formal.²⁵

A partir deste fragmento, entendemos que os espaços em que a educação se dá são amplos, distintos e pode ainda ser um espaço que a princípio não se espera “um rigor” educativo. São as tentativas educacionais que moldam o espaço para essa compreensão, cabendo ao receptor, no caso o aluno, a “absorção” da informação. A educação formal (entendida como oficial) é sinônimo de escola, espaço em que seriam implementadas práticas visando um objetivo final. A política educativo-cultural que, posteriormente, incluiu o museu como um desses espaços de educação, é proveniente do debate em que o museu e a escola tem sido vistos como espaços onde a ideologia dominante – direta e indiretamente – é confirmada. Maria Célia Teixeira dos Santos²⁶, em seu artigo *A Escola e o Museu no Brasil*, instigam-nos a pensar esses espaços enquanto instrumentos do Estado que visam um objetivo em comum, do qual permaneciam no cenário nacional como meros espaços destinados a guardar objetos produzidos por determinados segmentos da sociedade, apresentando em suas exposições uma mensagem de conteúdo pouco questionador, que se esgotava na análise do passado e no objeto por si só.²⁷ Entender os objetivos das instituições pode muitas vezes nos apontar trajetórias sobre as mesmas, e fazer visível suas intenções.

Buscando compreender as relações entre o museu e educação, Maria Célia defende a necessidade de que sejam apresentadas nos museus “atividades que devem suscitar a criatividade, o questionamento, a reflexão crítica e a busca de um novo fazer

²⁵ BIANCONI, M. Lucia; CARUSO, Francisco. **Educação não-formal**. Cienc. Cult, Dez 2005, vol. 57, n.4, p.20-20. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/> Acesso em: 06 set. 2014.

²⁶ SANTOS, Maria Célia T. **A Escola e o Museu no Brasil**: uma história de confirmação dos interesses da classe dominante. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/306/215> Acesso: 12 set. 2014.

²⁷ SANTOS, Maria Célia T. **Op Cit.** p. 55.

que para nós caracteriza-se em um ato educativo”²⁸. Condição esta que merecia ser cumprida, fortalecendo o aprendizado e capacidade de se explorar os demais pontos de cultura, memória e conhecimento. Talvez o termo “não formal” possa retirar a responsabilidade que a instituição tem com sua criação. É passível de discussão tentar entender como é feita esta apropriação, levando em conta o cuidado e o trabalho que é feito considerando as ações educativas implementadas pelos museus.

O museu como um espaço alternativo de educação, não-oficial, recebe uma apresentação um tanto lúdica e informal para a receptividade do conhecimento perante seus visitantes. Percebemos que o museu é um espaço onde a educação acontece informalmente, mas que contem as regras de visitação, conduta, de maneira formal, o que podemos fazer um breve paralelo com as “regras da sala de aula”, característica da educação formal.

Educação não formal e ações educativas podem ser muitas vezes vistas como sinônimos. Representadas por práticas, as ações educativas são compostas por dinâmicas, sejam elas já conhecidas (visitas guiadas; visitas dramatizadas; oficinas; cursos; prática de leitura; contação de histórias), além disso, há os materiais educativos que são produzidos baseados nas mesmas intenções da ação.

Apesar do termo Educação Patrimonial²⁹ ter sido apresentado em 1999 através da publicação do *Guia Básico de Educação Patrimonial* pelo IPHAN, e consolidado com a Criação da Gerência de Educação Patrimonial e Projetos – GEDUC³⁰ em 2004, não consideramos que o Projeto “Escolas no Museu” tenha sido pensado através desta perspectiva, usamos, portanto o termo “Educação não-formal” que contempla um termo mais usual até então sobre estas práticas educacionais. Concluo destacando que a educação em espaços não-formais merece ser repensada, de maneira que transpareça a partir de ações a função social do museu. A seguir, apresento uma discussão sobre os museus históricos e suas possibilidades.

2.3 - Museu Histórico: uma tipologia

²⁸ Ibidem, p. 42.

²⁹ O termo é introduzido no Brasil pela Museóloga Maria de Lourdes Parreiras Horta, em 1983, o conceito e a metodologia, hoje difundida em todo o país. Disponível em: <<http://institutocravoalbin.com.br/maria-de-lourdes-parreiras-horta/>> Acesso em: 08 de dezembro de 2014.

³⁰ Caracterizada como primeira instância da área central do IPHAN voltada para a Educação Patrimonial. Para consolidá-la, foi realizada a I Reunião Técnica, em Pirenópolis (GO). Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=4218>> Acesso em: 08 de dezembro de 2014.

Apresento a tipologia do museu que será utilizada na análise que proponho para este trabalho. Os museus históricos são apresentados como os “guardiões” de memórias” em uma bibliografia primária sobre a temática, contudo, sabemos que a prática da salvaguarda das memórias não se dá sem intenções. Ligados a instituições e grupos políticos, é necessário que se deixe claro que nada deve ser tomado como natural, tudo é fruto de seleções com critérios previamente definidos.

Por se tratar de um museu histórico, onde é através da sua expografia apresentada por cultura material, recria um universo de ideias que são passíveis de compreensão, mas como Ana Rodrigues³¹ aponta “um visitante preparado terá possibilidade de realizar uma leitura crítica e questionadora sobre a instituição visitada”. É através de uma preparação com os alunos antes da visita, uma ação pré-visita que possibilite com que algumas questões relevantes sejam interpretadas e compreendidas pelos alunos. A construção histórica e teórica é seletiva, voluntária, limitada e condicionada no tempo e no espaço. Logo, os objetos apresentados na expografia são permeados de historicidade e este deveria um dos principais questionamentos apresentados aos estudantes em suas visitas a museus históricos, permitindo aos mesmos analisar e compreender como e porque os objetos foram escolhidos para estar ali, percebendo-os como uma fonte de informação. Na possibilidade de haver guias e monitores, há necessidade de que os mesmos esclareçam que a ação educativa tem o propósito na construção do saber histórico.³²

Concluindo, é necessário que o docente auxilie o estudante e que permita que o processo de aprendizagem aconteça de forma que a leitura sobre a exposição consista em apelo crítico e reflexivo, para que a leitura vá além da dimensão apresentada pela expografia. Nesse sentido, meu olhar nesse trabalho se detém ao Museu Histórico de Santa Catarina e em uma ação educativa específica, intitulada Projeto “Escolas no Museu”, da qual apresentarei a seguir.

2.4 – O Projeto “Escolas no Museu”

O Projeto “Escolas no Museu” ocorreu entre os anos de 2003 e 2008 no Museu Histórico de Santa Catarina. Segundo a documentação referente ao projeto encontrada

³¹ RODRIGUES, Ana R. O museu histórico como agente de ação educativa. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. Vol. 2, nº 4. Dezembro de 2010, p. 216.

³² *Ibidem*, p. 217.

no acervo documental do setor educativo do MHSC, o Núcleo de Ações Educativas (NAE), o projeto foi desenvolvido com a intenção de afirmar a função difusora cultural do museu e o seu papel preservacional. Inicialmente foi elaborada como uma ação cultural específica para o espaço do museu e, posteriormente, a prática se efetivou através da participação das escolas, resultando assim em um contato abrangente com assuntos relacionados ao patrimônio, acervos, além das produções culturais da sociedade. De acordo com a coordenadora do projeto Edna de Marco³³, o projeto foi idealizado com o objetivo de promover uma interação do museu com os alunos através da promoção de ações educativas, gerando assim curiosidade, conhecimento e a interação com o público.

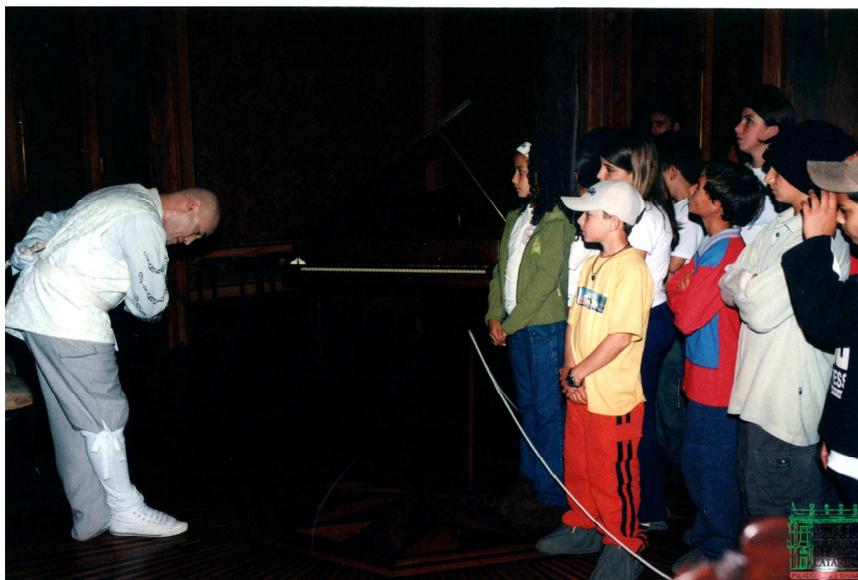
Com base no relatório do projeto, apresentado em junho de 2006, o projeto teria proporcionado aos alunos da rede pública estadual, municipal e privada que visitaram o MHSC durante o projeto, a oportunidade de vivenciar o museu de forma lúdica e pedagógica. Contudo, não encontrei registros de ações educativas com grande quantidade e de qualidade.

Ao apresentarmos o projeto temos de apontar algumas atividades centrais que foram elaboradas e executadas. Primeiramente, a peça de teatro intitulada *Momentos no Palácio*, encenada das dependências do MHSC³⁴, e por meio da qual eram tratados alguns aspectos da história de Santa Catarina, bem como o histórico da edificação, trajetória que passa por diferentes períodos desde sua construção até os dias da execução do projeto, estes elementos serão discutidos no capítulo seguinte.

³³ Atualmente faz parte do comitê gestor do Sistema Estadual de Museus. Disponível em: <http://www.fcc.sc.gov.br/patrimoniocultural//pagina/4420/comitegestor>. Acesso: 14 de setembro de 2014.

³⁴ O circuito expositivo usado pelo Projeto é até hoje utilizado na mediação do MHSC. Primeiramente, subindo pela escadaria (nave central), já na parte superior é vista a parte da edificação que era usada para administração e em seguida conhecem os cômodos de uso pessoal das famílias que moraram no Palácio.

Figura 1 – Fotografia em uma das ações do Projeto Escolas no Museu. [s/d]



Fonte: Acervo Arquivístico - MHSC

Além da peça teatral, eram oferecidos concertos musicais didáticos com os professores e alunos do curso de Música da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), momentos nos quais eram apresentados instrumentos musicais utilizados no concerto, a biografia dos compositores interpretados e o contexto de criação dos mesmos³⁵.

A partir do projeto foram publicados quatro materiais com o objetivo de se tornarem materiais didáticos para que os alunos/visitantes pudessem aprofundar os temas e debates em tanto em sala de aula quanto em casa, mobilizando assim os saberes apreendidos durante a participação no projeto. Entre as publicações temos: o texto da peça teatral *Momentos no Palácio*³⁶, material de apoio para professores das escolas de Santa Catarina; uma história em quadrinhos intitulada *Uma aventura no Museu*, distribuídas alunos até a 6ª série e para as bibliotecas escolares; a Revista *Um Museu-Palácio em Santa Catarina*, destinada a estudantes a partir da 7ª série e as bibliotecas; por último a cartilha musical *Vivendo com Música*, distribuída aos participantes do concerto didático.

Além dos materiais didáticos, foram oferecidas em 2005 duas oficinas de capacitação aos professores da rede pública estadual, municipal e da rede privada, sendo elas: *História e Imagem*, ministrada pelo Professor Henrique Pereira Oliveira do curso

³⁵ Relatório do Projeto Escolas no Museu – Ano III, em julho de 2006. Acervo: Museu Histórico de Santa Catarina.

³⁶ Relatório do Projeto Escolas no Museu, ano 2007. Acervo: Museu Histórico de Santa Catarina.

de História da UFSC; *História e Patrimônio Cultural*, ministrada pela Professora Janice Gonçalves do curso de História da UDESC e *Arquitetura e História* tendo como ministrante Eliane Veras da Veiga Pacheco, atualmente professora do Departamento de Arquitetura da UNISUL. O relatório produzido pelo MHSC aponta que “estas oficinas tiveram uma imensa procura, haja vista a carência de ofertas de cursos de capacitação aos educadores”³⁷. É uma das questões levantadas, através do número de procuras, em virtude da ausência de ações como esta, de oficinas que capacitariam o professor em determinadas áreas.

A elaboração de um programa específico para o espaço do MHSC – um dos espaços mais procurados pelas escolas do Estado, segundo o relatório produzido pelo próprio museu –, foi uma ação que resultou no encontro de necessidades dos educadores e dos estudantes.

Um ponto que o projeto almejava era a busca pela continuidade e ampliação das práticas de atividades culturais dentro do espaço do museu, ações estas que já ocorriam e que vinha dando resultados significativos, segundo sua coordenação no relatório administrativo.

As encenações teatrais e os concertos didáticos, além de proporcionar acesso aos bens da cultura dita erudita, como música erudita e teatro, criam uma situação de produção cultural, formando platéias e incentivando a possibilidade de profissionalização dentro destas atividades culturais.³⁸

Outro ponto relevante são as oficinas oferecidas. Pontos de capacitação para os professores da área, as oficinas tinham por objetivo fazer com que a qualidade de ensino, percepção e do trabalho em sala de aula melhorassem. Além disso, a contação de histórias e a apresentação multimídia dos concertos intencionavam estimular os estudantes através da imaginação, com vistas a serem melhores assimilada pelo público.

O projeto tinha por objetivo ser um processo contínuo, em permanente desenvolvimento, no intuito de atingir cada vez um número maior de pessoas. Outra intenção seria ainda o incentivo a possibilidade de profissionalização a partir da realização das atividades anteriormente mencionadas, bem como a aproximação/integração cada vez maior entre as escolas, a comunidade, o Museu, juntamente com as universidades.

³⁷ Relatório do Projeto Escolas no Museu. Op. Cit.

³⁸ *Ibidem*, p. 4.

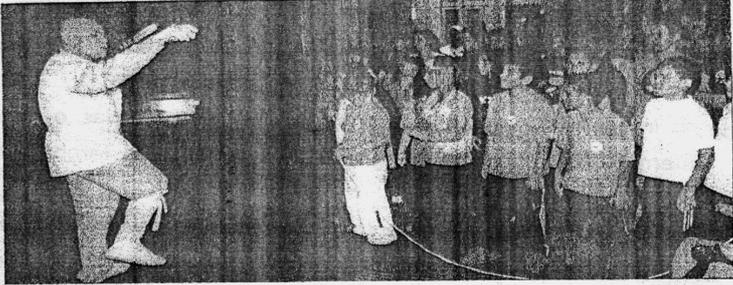
Sobre a repercussão do Projeto “Escolas no Museu” alguns meios de comunicação se encarregaram de publicar sobre o projeto, como as mídias impressas e digitais. No acervo do MHSC, encontrei pouco mais de meia dúzia de clípagens sobre o projeto. Apresento aqui uma reportagem que contempla a efetividade do projeto por meio da participação das instâncias acadêmicas de referência da região. Intitulada “Projeto leva alunos a museus”, na sessão “Lazer” do jornal *A NOTÍCIA* do dia 1º de maio de 2004. A reportagem anuncia o lançamento do projeto para o ano de 2004 nas dependências do MHSC, destacando duas atividades para o dia: o concerto da Orquestra e do Quarteto de Cordas da UDESC e a apresentação teatral da peça “Momentos no Museu” pelo Grupo Jabuti. Na mesma reportagem, o jornal defende que ações como essas são válidas uma vez que “a carência de programas educativos específicos faz com que a visita de escolares aos museus não alcancem um aproveitamento adequado, tornando-se tediosas e desestimulantes”³⁹. A reportagem destaca ainda a parceria do MHSC com as universidades enquanto consultoras das ações empreendidas pelo projeto.

Figura 2 – Digitalização do Jornal *A NOTÍCIA* sobre o Projeto “Escolas no Museu”.

³⁹ Jornal *A NOTÍCIA*, Florianópolis, 1 de maio de 2004. p. 13. Acervo: NAE - Museu Histórico de Santa Catarina.

VZER 13
Sábado, 1/5/2004

Divulgação Daniso Silva



Grupo Jabuti vai apresentar a peça "Momentos no Museu": projeto foi iniciado em 2003

Projeto leva alunos a museus

Abertura acontece segunda-feira, em Florianópolis

A Fundação Catarinense de Cultura (FCC) lança nesta segunda-feira, no Palácio Cruz e Sousa, em Florianópolis, o projeto Escolas no Museu. A abertura acontece com o concerto do duo Tilton-Mantovani, da Orquestra e do Quarteto de Cordas da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Também se apresenta o Grupo Jabuti, com a peça "Momentos no Museu". O projeto vem sendo desenvolvido desde 2003 com o objetivo de proporcionar aos alunos das escolas privadas e

das redes públicas estadual e municipal a oportunidade de conhecer melhor o Museu Histórico de Santa Catarina.

Os museus, ao longo de sua história, têm como característica intrínseca e função social, além de seu papel preservacional, um papel educativo. Muitas vezes, a carência de programas educativos específicos faz com que as visitas de escolares aos museus não alcancem um aproveitamento adequado, tornando-se tediosas e desestimulantes. Este projeto partiu da neces-

sidade de buscar estratégias que aumentem o envolvimento das escolas com o museu e que possibilitem aos estudantes o conhecimento e a valorização do patrimônio cultural.

O projeto Escolas no Museu, que conta com a consultoria histórica e pedagógica das professoras Maria Teresa Santos Cunha e Cristina Scheibe Wolff, compreende apresentações semanais de teatro e concertos didáticos, além de distribuição de material impresso aos professores e estudantes.

Peça teatral mostra personagens históricos

Nas performances teatrais, que acontecem durante e após as visitas monitoradas, será apresentada a peça "Momentos no Palácio", especialmente desenvolvida para o museu, com texto e encenação de Carina Scheibe e Révero Ribeiro, do grupo Jabuti. Através da apropriação de situações e personagens da história do Palácio e do Estado, a peça busca, além de proporcionar a própria experiência teatral aos estudantes, mostrar que a história pode ser contada sob diferentes olhares. O texto teatral, que já está impresso e conta com uma bibliografia comentada elaborada pelas

consultoras, será distribuído aos professores e aponta diversos temas que podem ser desenvolvidos em diferentes disciplinas antes e depois da visita ao museu.

Os concertos didáticos são uma parceria com o Programa Udesc Musical. Nestes concertos serão apresentados os instrumentos musicais que estarão interpretando as obras, um pouco da biografia dos compositores interpretados e um breve histórico dos períodos que estes compositores representam. O projeto tem patrocínio da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (EBCT).

PARA MEDITAR

O despertar

O "despertar" ocorre quando o indivíduo que culpava os fatores externos pelos seus fracassos descobre que tudo se origina dele e a ele retorna. A verdadeira religião é a conscientização de que a fonte do bem encontra-se em nós mesmos, e não em alguma divindade externa.

■ MASAHARU TANIGUCHI

■ SEICHO-NO-IE DO BRASIL
Sede da Regional da Florianópolis
Fone/fax (48) 248-5977

Fonte: Acervo arquivístico MHSC

Algumas das perguntas suscitadas na reportagem acima buscam ser respondidas nos capítulos seguintes. Como é o caso da relevância do projeto, o jornal está constatando que há uma carência de programas educativos adequados com base em que? E se sua ação foi adequada e estimulante? Estas e outras questões serão abordadas nos capítulos seguintes de maneira que as discussões contemplem além do que podemos indagar.

O MHSC localizado no centro histórico de Florianópolis é um espaço ideal que pode estar a serviço da educação, seja para o turismo e para educação. Viso aqui

também deixar claro a compreensão do caráter educativo dos museus perante a sociedade. A presença de um Projeto educativo que visou integrar a comunidade escola, a história do edifício e a história do Estado foi uma ação pensada para este espaço.

3. O PROJETO “ESCOLAS NO MUSEU” E OS CONCEITOS HISTÓRICOS

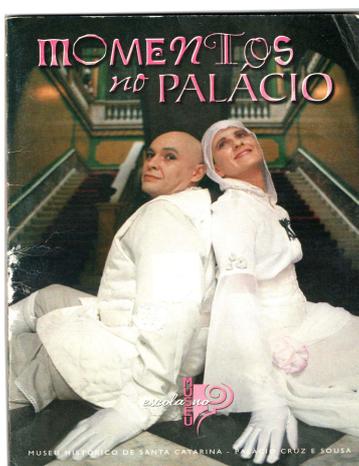
Apresentarei neste capítulo os materiais didáticos produzidos pelo Projeto “Escolas no Museu”, bem como discutirei os conceitos de tempo e memória apresentados nos mesmos. Um dos objetivos deste capítulo é tentar identificar como se apresentam os conceitos que são abordados na narrativa histórica composta como roteiro da peça de teatro intitulada *Momentos no Palácio*. Caracterizando o conceito de tempo e memória.

3.1 - Os materiais didáticos do projeto “Escola no Museu”

Pontuarei alguns elementos dos materiais didáticos produzidos pelo *Escola no Museu* no intuito de analisar o tipo de produção e o público ao qual se destina, uma vez que a elaboração desses fazia parte dos objetivos iniciais do projeto. Algumas questões se fazem pertinentes como, por exemplo, “quais eram seus objetivos”, “quais suas finalidades”, “que aprendizagens almejavam desenvolver”? Os materiais são resultantes de recursos distintos para a sua elaboração, o que nos deixa claro a relação entre parcerias para a sua produção. Apresentarei a seguir três produções didáticas do projeto: *Momentos no Palácio*, um livreto composto pelo roteiro teatral; *Uma aventura no Museu*; e um livro com pesquisas de cunho histórico intitulado *Um museu-palácio em Santa Catarina*.

Momentos no Palácio

Figura 3 – Capa do material *Momentos no Palácio*. Projeto “Escolas no Museu”.



Fonte: Acervo arquivístico MHSC

Esse material composto por 32 páginas é semelhante a um livreto (dimensões: 22cm x 16cm). Apresenta o roteiro da peça teatral intitulada *Momentos no Palácio*, uma das ações do Projeto *Escolas no Museu*. Sua narrativa é composta basicamente pelo roteiro teatral que apresenta um diálogo entre dois personagens, o *tempo* (interpretado por Révero Ribeiro) e a *memória* (interpretada por Carina Scheibe). De acordo com a mudança de cenário pelo espaço do museu, o conteúdo do diálogo se modifica.

O roteiro é totalmente adaptado para as dependências do acervo permanente, localizado no segundo andar da edificação, pois a narrativa muda conforme os personagens se deslocam pelas salas do MHSC. É perceptível a presença da narrativa que é exposta pelas monitoras em algumas fases do roteiro. Ao longo do texto do material em questão podemos notar que há a presença das falas das monitoras do MHSC. Questiono-me se as partes da narrativa das monitoras foram incorporadas na pesquisa histórica e, conseqüentemente, transferida para o roteiro ou se esta incorporação se deu inversamente. Essa questão que fica em aberto, pois não foi possível entrar em contato com as monitoras do museu no período de execução desta ação, ou seja, entre os anos de 2003 e 2008. Logo, não foi possível responder se os elementos suscitados pelo projeto foram incorporados nas pesquisas e narrativas posteriores do MHSC.

O roteiro busca ser interativo, no sentido dos espectadores fazerem parte da narrativa, fazendo com que os espectadores – nesse caso estudantes e docentes – envolvam-se com maior facilidade com os elementos significativos propostos pelo texto (no caso do material impresso) ou pela peça (ação no museu). Perpassando diferentes momentos da história da edificação e, conseqüentemente, da história nacional, o roteiro elabora uma síntese sobre os principais momentos do Palácio Cruz e Sousa, hoje sede Museu Histórico de Santa Catarina.

TEMPO – Esta é a sala que mais me agrada. O Salão das refeições. Quantos jantares importantes, quanta comida, quanta bebida... E quantas decisões também foram tomadas aqui, nesta mesa... (Lembrando.) Nesta mesa foram servidas as mais requintadas iguarias: aves recheadas, molhos refinados, sobre mesas tentadoras e muito, muito vinho do Porto.

(Memória entra com um sino caracterizada como vendedora e congela o Tempo, este reage ao que ela fala mantendo-se estático.)

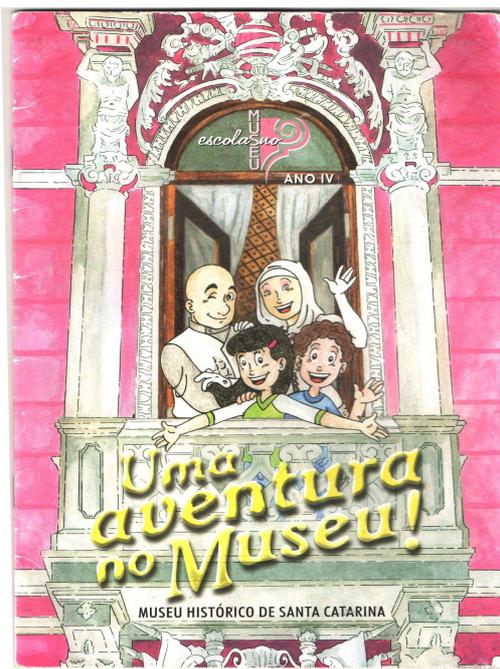
MEMÓRIA – Olha a farinha de mandioca, aproveita que o preço vai subir... (Oferece para as crianças). Aproveita e leva hoje, que amanhã é capaz de não ter mais nem pra fazer pirão. É meus queridos, as coisas lá fora não eram assim como aqui dentro, não. Enquanto uns e

outros enchiam a pança do bom e do melhor, lá fora o pessoal sobrevivia era da farinha que também começou a faltar.⁴⁰

O roteiro é composto por vários elementos que mostram o cotidiano no Palácio em contraste com o que o restante da sociedade vivenciava em seu cotidiano. Apontando problemáticas que comumente não são apresentadas em sala de aula, o roteiro incita a reflexão crítica do espaço do museu e sua trajetória histórica por meio de diálogos que envolvem aspectos políticos, econômicos, culturais e sociais. A partir de dinâmicas como a anteriormente mencionada, o texto busca envolver os estudantes no problema estabelecido, criando sentimento de identificação e remetendo ao passado, estimulando-os a refletir sobre, por exemplo, a questão da desigualdade social nas diferentes épocas. São ações como estas que possibilitam que os sujeitos escolares – estudantes e docentes – contextualizem de modo crítico os espaços dos museus.

Uma aventura no Museu!

Figura 4 – Capa do Material *Uma aventura no Museu!* Ano IV⁴¹ [2007]



Fonte: Acervo arquivístico MHSC

Elaborado no formato de uma história em quadrinhos, esse material é direcionado justamente para um público mais jovem. Composto por 22 páginas, esse

⁴⁰ **Momentos no Palácio.** Material didático do Projeto Escolas no Museu. MHSC, Florianópolis, 2004. p. 13.

⁴¹ Levando em conta que o Ano I do Projeto refere-se a 2004, este livreto do ano IV faz referência ao ano de 2007.

livreto (dimensões: 25cm x 17cm) ilustra a visita de dois estudantes ao Palácio Cruz e Sousa, onde ambos – movidos pela curiosidade - acabam descobrindo diversos aspectos abordados pelo projeto.

A história se inicia com o encontro entre os dois estudantes, momento em que combinam de ir ao museu encontrar respostas para uma pesquisa escolar solicitada por uma professora em sala de aula. Ao chegarem ao museu, encontram na porta duas “estátuas vivas” que se colocam como suas guias para desvendar os mistérios que existem por ali. As estátuas em questão, como mencionadas no material anteriormente apresentado, são nomeadas como *Memória e Tempo*.

A narrativa apresentada pela história em quadrinhos é um diálogo que mescla os apontamentos dos “guias” com a curiosidade dos visitantes. As estátuas explicam aos estudantes a historicidade por trás dos objetos e das salas do museu – móveis, espelhos, obras de arte, vitrais, assim como ornamentos da edificação como, por exemplo, a pintura das paredes, escadaria, etc. –, destacando os principais acontecimentos que foram vivenciados naquele ambiente. Os objetos do acervo são incorporados na narrativa muitas vezes para iniciar a exposição de um determinado momento histórico, e não simplesmente para exemplificá-lo.

De acordo com Eisner, a composição de uma história em quadrinhos tem algumas finalidades pertinentes ao seu formato:

A função fundamental da arte dos quadrinhos (tira ou revista), que é comunicar idéias e/ou histórias por meio de palavras e figuras, envolve o movimento de certas imagens (tais como pessoas e coisas) no espaço. Para lidar com a captura ou encapsulamento desses eventos no fluxo da narrativa, eles devem ser decompostos em segmentos seqüenciados. Esses segmentos são chamados quadrinhos. Eles não correspondem exatamente aos quadros cinematográficos. São parte do processo criativo, mais do que um resultado da tecnologia.⁴²

Nesse sentido, a ilustração é um dos elementos cruciais desse formato. Nos quadrinhos de *Uma aventura no Museu!* podemos perceber as expressões faciais e corporais dos personagens, destacando momentos importantes e outros um tanto engraçados.

⁴²EISNER, W. **Quadrinhos e arte seqüencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 38.

Figura 5 – Reprodução da página 18 do material didático *Uma aventura no Museu! Projeto “Escolas no Museu”*. [2007]



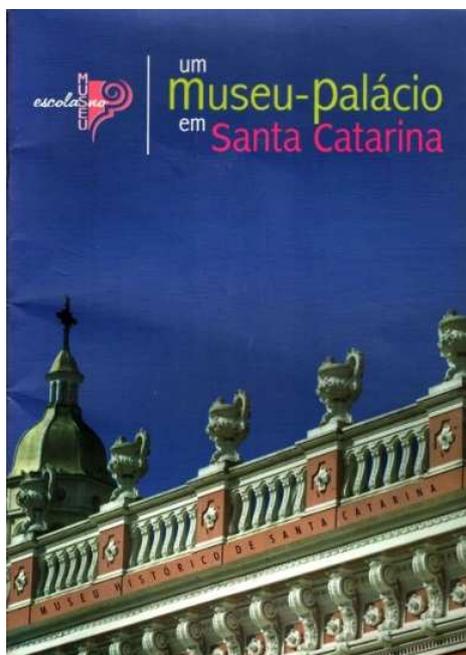
Fonte: Acervo arquivístico MHSC

Os diferentes períodos vivenciados nas dependências do Palácio acabam por se tornar um “quebra-cabeça” para a compreensão das épocas por meio da história em quadrinhos. Contextos diferentes são abordados na narrativa para abordar a historicidade do espaço e dos objetos que pertencem a seu acervo. Um exemplo disso é a questão das diferentes reformas que o Palácio recebeu ao longo de sua trajetória, bem como as demais interações da sociedade com esse espaço ao longo do tempo.

Como já mencionado, essa publicação é voltada ao público jovem e por essa razão sua linguagem é muito mais acessível às crianças, pontuando o visual como fator importante para aprovação do público infantil.

Um museu-palácio em Santa Catarina

Figura 6 – Capa do material *Um museu-palácio em Santa Catarina*. 2007



Fonte: Acervo arquivístico MHSC

Composto por 34 páginas (dimensões: 30cm x 21cm), *Um museu-palácio em Santa Catarina* é um material mais informativo, com resumos de pesquisas e sua produção caracteriza um apanhado de ensaios sobre a história do Palácio e suas temáticas. Tem como objetivo “transmitir o conhecimento e despertar os nossos jovens estudantes para a importância da preservação cultural, pois acreditamos que preservando-o garantiremos que a sociedade terá maiores oportunidades de perceber a si própria.”⁴³

Apesar de ser um material mais voltado para o público de professores e pesquisadores, as características didáticas deste material são visíveis, facilitando cada vez mais o aprendizado dos estudantes do ensino fundamental (5º ao 9º ano). Um dos pontos positivos e surpreendentes deste material é a gama de conteúdos que lhes foi condensada e que o leitor não percebe de modo cansativo, mas são apresentados de forma informal, que chega até a passar como uma “curiosidade”.

Divido em seis ensaios e mais uma cronologia sobre os períodos e fatos históricos do Palácio, a publicação apresenta de modo informal e atrativo suas informações. Os conteúdos que são interdisciplinares na sua maioria acabam por

⁴³ Um Museu-palácio em Santa Catarina. Projeto Escolas no Museu, 2007. p.3.

informar peculiaridades sobre o Museu e a história a sua volta. É iniciado o primeiro ensaio intitulado “Artes de Coleccionar” da coordenadora do projeto, Edina De Marco. Sobre o assunto, é apresentado um apanhado informativo sobre o colecionismo juntamente com a temática do surgimento dos museus e seus objetivos.

O segundo intitula-se “Arquitetura em transformação”, tem como autora Eliane Veiga e que consegue compilar os principais movimentos de transformação da arquitetura do palácio. Além de abarcar as reformas, a narrativa é composta também pelos estilos arquitetônicos por qual o casarão passou. É apresentado também um glossário no final do ensaio sobre os ornamentos encontrados na arquitetura da edificação.

No ensaio “Vida Cidadina” da Professora Maria Teresa Santos Cunha, o cotidiano da cidade é o palco principal. Algumas questões sobre a vivência no Palácio são ressaltadas, bem como o lazer da época nos arredores do palácio. No ensaio seguinte, Cristina Scheibe Wolff apresenta “Territórios de Revoltas” e os fatos ocorridos em razão de revoltas que acabaram com tendo palco o palácio de governo. Espaço de disputa um palácio presidencial é mais do que um edifício, é símbolo de poder e que durante muito tempo foi objeto de disputa. Em seu outro ensaio “Territórios de Disputa”, Wolff faz menção a questão de limites vivenciada pelo estado no início do século XX. Região de disputa, o contestado desencadeou a Guerra. Outro propósito antes de finalizar o artigo é mostrar a contemporaneidade do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra no estado.

O último ensaio da produção é “Cruz e Sousa” escrito por Edina De Marco e Maria Teresa dos Santos Cunha, apresenta-se uma resumida biografia da vida e produção do poeta catarinense e informa que em 20 de fevereiro de 1979, pela Lei nº 5.512, o Palácio dos Despachos localizado na Praça XV de Novembro passa a ser nomeado Palácio Cruz e Sousa. A produção termina com uma cronologia desde a criação da capitania em 1738 até o ano de 2004, ano de abertura oficial do Projeto Escolas no Museu.

A necessidade do ensino de história de se trabalhar conceitos históricos é sabida e a seguir temos o olhar mais voltado para os conceitos que foram utilizados no teatro, lembrando que são os mesmos que dão nome os personagens aqui já citados, Memória e Tempo.

3.2 – Os conceitos utilizados no teatro

Para discutir os conceitos históricos que foram utilizados na peça teatral do projeto considerarei as questões levantadas pela autora Circe Bittencourt, que em *Fundamentos e Métodos*⁴⁴ aborda a utilização dos conceitos, desde suas capacidades cognitivas até como devem ser apresentados aos alunos. Por ser um ambiente diferente da sala de aula, espaço abordado por Bittencourt em sua análise, utilizarei outra autora, Claudia Pereira Vasconcelos, uma vez que suas discussões compreendem as perspectivas teatrais, adequadas a discussão que objetivo promover neste trabalho. Em seu artigo “O teatro como linguagem e fonte no ensino de história”⁴⁵, Vasconcelos apresenta uma aproximação destes dois campos, que muitas vezes podem se convergir e interagir entre si, respeitando suas particularidades e limites como, por exemplo, a reconstituição de épocas. Em relação às especificidades do teatro a autora coloca:

O teatro é antes de tudo um diálogo, isto é, a oposição de duas convicções. A ação nasce desta oposição. (...) Deste movimento de afirmação e de negação que é o próprio movimento da vida, e que só a morte faz parar dentro de nós.⁴⁶

Na ação do Projeto Escolas no Museu, por meio de um roteiro teatral elaborado com base nos diálogos entre os personagens, uma das convergências que mais me chamou a atenção foi a questão da oposição de convicções representadas pelas divergências entre o “Tempo” e a “Memória” em diversos assuntos. Ao apresentar um fato histórico, cada personagem tem seu posicionamento na narrativa. Como exemplo, o personagem “tempo” apresenta o fato de maneira vangloriosa a respeito do acontecido, apenas apresentando um lado do fato, as melhorias que este trouxe. Já “memória” fica encarregada de mostrar outra versão do fato apresentado, sempre argumentando criticamente. Um exemplo disso é quando a “Memória” lembra aos alunos o posicionamento da população da cidade (e não da elite política) sobre o fato ocorrido.

⁴⁴ BITTENCOURT, Circe. **Ensino de história: Fundamentos e Métodos.**

⁴⁵ VASCONCELOS, Claudia Pereira. **O teatro como linguagem e fonte no ensino de história.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo. Julho, 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300851800_ARQUIVO_TextoANPUH2011.pdf> Acesso em: 05 nov. 2014.

⁴⁶ TOUCHARD, Piérre-Aimé. **O teatro e a angústia dos homens.** Trad. Pedro Paulo Sena Madureira e Bruno Palma. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970.

Para os alunos, essa contraposição é necessária. Para o ensino de história, a formação de sujeitos críticos é um dos principais objetivos, pois revela ao aluno que o fato pode ser muito mais complexo do que o apresentado, ensinando-o a pensar autonomamente.

Mas voltando ao assunto sobre os conceitos históricos, agora cabe aqui apresentar como eles são trabalhados no ensino de história para conseguirmos compreender os conceitos apresentados no teatro. Bittencourt aponta:

O conhecimento histórico não se limita a apresentar o fato no tempo e no espaço acompanhado de uma série de documentos que comprovam sua existência. É preciso ligar o fato a temas e aos sujeitos que o produziram para buscar uma explicação. E para explicar e interpretar os fatos, é preciso uma análise, que deve obedecer a determinados princípios. Nesse procedimento, são utilizados conceitos que organizam os fatos, tornando-os inteligíveis.⁴⁷

Na narrativa usada pelo teatro os conceitos históricos aparecem a toda hora, eles são importantes para compreensão de determinados acontecimentos. Existem conceitos que são necessários para a compreensão de outros, dependendo assim do aprendizado e assimilação de conceitos básicos, primários, para entender o ensino de história nos anos iniciais: memória, tempo e espaço. Discutirei, a seguir, a construção dos dois principais conceitos da peça teatral em análise, e de que maneira eles aparecem na narrativa do Projeto.

3.3 – Tempo

Diante dos inúmeros desafios do ensino de história temos que pontuar os principais, que são base para os demais argumentos, conceitos básicos, que se espera que o aluno tenha para sua percepção consiga ser plena na aprendizagem de determinado conceito. Percebo que para o entendimento do aluno em certas questões que são lançadas nas nos anos (séries, como antes eram chamadas) do ensino fundamental II, necessário que se tenha trabalhado alguns aspectos que são fundamentais para a compreensão da narrativa história que lhes é importante nas séries posteriores.

⁴⁷BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p.183.

Apresentar o fato por si só, acaba fazendo com que o aluno consegue apenas compreender o fato isolado. Reconheço que para usufruir do entendimento macro de tal fato é necessário fazer conexões com outros fatos, baseando sempre em seu contexto, além de assimilar, posteriormente, os reflexos que tal fato trouxe para tal época, ou seja, suas consequências. É necessário, portanto, esta presença dos conceitos em sala de aula, que consiga fazer com que o aluno esteja capacitado para conceber sobre fatos mais complexos e seus desdobramentos na história.

Sobre o início das compreensões do aluno, trabalhar o conceito de tempo nos anos iniciais de formação é uma tarefa árdua, de difícil entendimento e que pode muitas vezes ser um processo turbulento e, conseqüentemente, lento.

Inicialmente cabe-se dizer que o tempo (histórico) é fundamental para a compreensão da história como um processo. Desafio para o ensino de história é levar o aluno a compreender as múltiplas temporalidades. É preciso perceber a diferenciação entre os anos, e como as abordagens devem ser distintas, contudo é vital lembrar que o conhecimento do passado e a experiência do tempo das crianças no início da escolarização são bastante limitados.

A construção da noção de tempo para o ensino de história é fundamental e pode ocorrer por diversas abordagens. Após compilar a discussão que é apresentada no livro *Ensinar História*⁴⁸ de Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli onde apresentam três pontos de abordagem. Inicialmente a proposta é de trabalhar o *passado como explicação do presente*. Consiste em uma ideia arriscada, mas que merece atenção pelo fato de ser um importante diálogo entre as realidades do passado e do presente, acarretando em dar um sentido maior ao mundo.

Em segundo lugar as autoras propõem *considerar o passado*⁴⁹, através da compreensão das origens (civilizações antigas) na busca por sensibilizar o aluno para posteriormente destacar com as diferenças e trabalhar o paralelo com essas sociedades. Um ponto positivo ao trabalhar com esta noção de tempo é colaborar com o debate sobre a pluralidade destes períodos e civilizações, destacando assim suas diferenças.

Caracterizando outra proposta, a ideia de trabalhar *características peculiares pelo próprio tempo* vai de encontro com a apresentação e reflexão sobre as noções temporais: sucessão, duração, simultaneidade, mudanças e permanências. Longe de serem naturais, estas questões foram construídas por alguém e com determinados

⁴⁸ SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2004. p. 76.

⁴⁹ SCHMIDT; CAINELLI. **Op Cit.** p. 77.

motivos. Refletir sobre as medidas que se deu ao tempo, através de construção é possível através da utilização do calendário, optando por ser uma maneira de perceber estas variações nas suas criações (apresentando diferentes calendários e destacando suas diferenças).

Contudo é necessário problematizar a organização temporal, destacando a criação das divisões e os motivos que levaram a isso. Necessário também conseguir distinguir tempo cronológico de tempo histórico, o que Marlene Cainelli apresenta onde muitas vezes são utilizados como sinônimos.⁵⁰

Ao perceber a sistematização das noções de tempo físico já desenvolvido pelo aluno é a primeira etapa, os ditos saberes prévios, na elaboração do conceito de tempo histórico. A percepção da passagem do tempo físico (o tempo do relógio, a diferença da paisagem de acordo com a luminosidade, a mudança da temperatura durante o ano), que, reduzido a medidas (horas, dias, semanas)⁵¹, torna-se o tempo social, que fundamenta a construção do conceito de tempo histórico pelos alunos – conceito esse que permite a localização no tempo, resultante da datação, pela cronologia e a periodização, necessárias à vida social. Um dos pontos seria a apropriação de tempo que muda conforme a idade e as circunstâncias que o indivíduo experiência.

Como nos informa Cooper, a cronologia, as datas e o tempo medido são fundamentais para a História, como disciplina, porém para as crianças pequenas, cuja compreensão do tempo é embrionária, a curiosidade e o entusiasmo a respeito de outras pessoas, outras vidas e outros tempos são mais importantes que as datas ou qualquer outra forma do tempo medido.⁵²

É necessário se ter essa percepção ao abordar o conceito com crianças de diferentes idades, sempre enfatizando o que se entende por tempo na situação desejada. Analisarei a seguir como isto foi feito pelo Projeto Escolas no Museu e se estas questões sobre o tempo histórico foram abordadas.

Após deixar claro as dificuldades que temos a trabalhar determinado conceitos seja com crianças ou adolescentes me reporto ao material didático que faz menção a

⁵⁰ CAINELLI, Marlene. Os saberes docentes de futuros professores de história: a especificidade do conceito de tempo. **Currículo sem Fronteiras**, v.8, n.2, pp.134-147, Jul/Dez 2008 p.139 Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss2articles/cainelli.pdf>> Acesso em 25 de novembro de 2014.

⁵¹ Ibidem. p. 13.

⁵² COOPER, H. **Didáctica de la historia en la educación infantil y primaria**. Ministerio de Educación, Cultura y Desporte. Secretaría General Técnica. Madrid: Morata, 2002. p.32 Apud ABUD, Kátia Maria. **TEMPO**: a elaboração do conceito nos anos iniciais de escolarização. *Historiæ*, Rio Grande, 3 (1): 9-17, 2012. p. 13.

uma narrativa que aborda através dos diálogos entre os personagens e o público. Lembro primeiramente que um dos personagens justamente se chama “Tempo” e é com algumas frases de efeito que sua importância e presença na narrativa se dá no primeiro contato com os estudantes. Destaco para a apresentação inicial do personagem:

Tempo - Muitas pessoas passaram por este palácio governadores, princesas, imperadores encantaram e habitaram este espaço. Porém, todos os personagens que no passado aqui estiveram – e no futuro ainda estarão – um deles sempre esteve e sempre estará. Este personagem sou eu. Que agora para vosso contento, venho aqui e me apresento. Uma salva de palmas para mim: o Tempo.⁵³

É nesta primeira fala que algumas noções sobre o conceito de tempo são aqui apresentadas aos estudantes. Ele afirma ser um personagem que “esteve e sempre estará” ali naquele espaço⁵⁴, caracterizando que não importa o local ou o espaço, ele sempre vai estar, pois ele faz parte da “vida” do lugar. O tempo é único e presente. Diante da noção de tempo histórico o personagem é protagonista do palácio, sendo representado com a ausência de limitações sobre a sua duração. É através da sensibilização na narrativa, que o “tempo” apresenta fatos e passagens trabalhando noções temporais já ditas, na duração, mudanças e permanências no cotidiano do palácio.

Em alguns pontos da narrativa o tempo incorpora um papel um tanto elitista, apenas exaltando os feitos dos governos, as festas, os bailes, deixando claro a sua posição “social”, enquanto que a personagem Memória, que também seleciona eventos, demonstra um lado social mais afluente, questionando o personagem tempo sobre determinadas situações que para ele são positivas, mas que também, existe um outro olhar sobre o fato.

As questões relativas ao tempo e suas formas de apreensão são o centro da compreensão histórica do mundo e de sua evolução. A seguir continuo com as questões sobre os conceitos históricos presentes na narrativa do Projeto. A personagem “memória” terá seu espaço a seguir e, além disso, abrirá a discussão sobre de qual memória, ou memórias o projeto apresenta.

3.4 – Memória

⁵³Momentos no Palácio – Projeto Escolas no Palácio. 2006. p. 3.

⁵⁴Espaço, outro conceito importante para o ensino de história, não vai ser abordado neste trabalho, pois o mesmo visa analisar e questionar outros conceitos, apesar do mesmo fazer parte na narrativa histórica.

Onde começa a memória e termina a história? Questão esta que será imprescindível para discutir tais conceitos e a maneira de abarcar o emaranhado de significados, formas, e nuances que estes tem para nos apresentar. Afinal, de qual memória estamos falando? Partindo da ideia inicial que é necessário compreender memória para se discutir a história, começo este subitem que consistirá numa breve explanação do conceito de memória, que será baseado das discussões levantadas por Pierre Nora⁵⁵, além das contribuições de Jaques Le Goff⁵⁶.

Segundo Le Goff, a memória tem como propriedade conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.⁵⁷ A memória esta presente em todos os períodos históricos, mas a forma com ela é interpretada e trazida à tona faz parte da busca constante dos historiadores. Seja ela cercada por um monumento, ou mesmo exposta em uma obra de arte, talvez numa construção e até de forma invisível, que deixa a entender sua ausência-presença no período.

Um dos outros conceitos que cabe aqui explicar, por tratarmos de museu é o termo “lugares de memória”, pois é muitas vezes a partir destes lugares que começamos a pensar sobre memória, e perceber suas intenções e especificidades. De acordo com Pierre Nora:

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. [...] São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos.⁵⁸

⁵⁵Sobre Pierre Nora, É conhecido pelos seus trabalhos sobre a identidade francesa e a memória, o ofício do historiador, e ainda pelo seu papel como editor em Ciências Sociais. O seu nome está associado à Nova História Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre_Nora Acesso em 25 nov. de 2014.

⁵⁶Jaques Le Goff foi um historiador francês especialista em Idade Média. Autor de dezenas de livros e trabalhos, era membro da Escola dos Annales, empregou-se em antropologia histórica do ocidente Medieval. É em sua obra “História e Memória”, de 1988, que o autor busca reconstruir o conceito de história, abordando, historicamente, como este conceito foi concebido desde a Antigüidade clássica, com Heródoto, passando pelas concepções de Santo Agostinho, de Ibn Khaldun até a contemporaneidade, com Michel de Certeau, Marc Bloch e a Escola dos Annales.

⁵⁷LE GOFF, Jaques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão... [et al.]. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. p. 435.

⁵⁸NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n.10, p. 12-13, dez. 1993.

Cabe agora aqui retornar a narrativa do Projeto Escolas no Museu para pensarmos como foi esta inserção do conceito de memória. Em algumas passagens a memória apresenta “frases de efeito”, por meio das quais expunha suas características como, por exemplo, na seguinte situação:

TEMPO: Todos estamos prontos, não podemos perder tempo!
MEMÓRIA: Mas eles são muitos jovens... Me acorde quando forem maiores.
TEMPO: Mas, Memória, você quer que eles cresçam sem saber? O tempo é curto...
MEMÓRIA: Nós temos todo o tempo do mundo. Você esta ainda tão inteiro... E eu tenho que trabalhar...Lembrar...Lembrar...(volta a dormir).⁵⁹

Em um diálogo como este, podemos perceber a relação entre ambos os personagens. A memória carece de tempo para sobreviver, mas também é preciso esforçar para lembrar, pois não é fácil lembrar, como apresentado acima. Os trabalhos da memória são resultados de (re)elaborações constantes. É um trabalho árduo e complexo. Ser a memória de um palácio é comportar uma seleção, os “restos” das lembranças que se viveu e mencionar apenas aquilo que vale a pena lembrar. O tempo é caracterizado como tempo histórico, pois existem nuances durante a peça e que podemos identificar as mudanças políticas e sociais ao longo do tempo, justificando o seu aspecto de pressa.

Concluo esta análise para dizer que a memória é viva, independente do lugar de origem, ao trazermos a tona, esta memória poderá ser compreendida, reproduzida e resignificada, sejam seus diversos motivos e justificativas. Busquei neste capítulo me ater às questões didáticas dos materiais do projeto e aponto que houve uma preocupação na sua elaboração, no conteúdo e na narrativa, apresentando assim ao público um material de qualidade, com pesquisa e de cunho crítico. No capítulo a seguir lanço um desafio onde, por meio dos materiais produzidos pelos alunos após a visita no projeto, busco encontrar a compreensão do que foi visto, ouvido e comentado na mediação do Projeto.

⁵⁹*Momentos no Palácio*. Projeto Escolas no Museu. p. 10.

4 - INSTRUMENTOS AVALIATIVOS DO PROJETO “ESCOLAS NO MUSEU”

Nesta fase do trabalho, proponho-me a analisar e discutir como o Projeto “Escolas no Museu” foi avaliado pelos sujeitos da escola – professores e estudantes – que participaram das ações educativas realizadas no espaço do Museu Histórico de Santa Catarina (MHSC). Analisarei 23 fichas de avaliação, mas que foram encontradas um total de 48, onde os professores responderam depois da visita ao projeto e buscarei identificar nas produções feitas pelos estudantes indicativos da aprendizagem dos conceitos de tempo e memória. É necessário deixar claro que essas avaliações produzidas por professores e estudantes foram realizadas de forma extracurricular e pensadas justamente como um retorno ao Projeto “Escolas no Museu”. Os documentos analisados fazem parte do acervo arquivístico do MHSC.

4.1 - O que, como e porque avaliar?

Discutirei a questão da avaliação de modo a abordá-la criticamente ao analisar os materiais do Projeto “Escolas no Museu” pela perspectiva da aprendizagem. Considerando que os debates sobre avaliação e os processos de aprendizagem apresentam muitas discussões, para este trabalho irei me ater a pensar o projeto como uma proposta de viés da educação patrimonial.

Propus-me a abordar a temática da avaliação a seguir, e a partir dela podemos repensar esta prática. Na existência de uma análise é necessário se ter critérios para tal ação. Apesar de o objetivo maior esteja concentrado na elaboração feita pelos estudantes, através da aprendizagem de conceitos históricos. Em relação aos processos avaliativos, o importante os professores compreendam a avaliação como um elemento crucial para a conquista de uma educação de qualidade. Uma das principais questões colocadas à avaliação é a necessidade de elaborarmos critérios válidos. Conforme Mendez:

Quando avaliamos um trabalho ou exame com o intuito de apreciar a qualidade da resposta e o saber sobre a matéria de quem o realiza, o que devemos buscar é conhecer o processo de elaboração que o aluno seguiu, compreender a utilização das estratégias de resolução que põe em jogo, a capacidade de argumentação que mostra as causas e os motivos que provocam os erros [...] ⁶⁰

⁶⁰ MENDEZ, Juan Manuel Alvarez. **Avaliar para conhecer**: examinar para excluir. Porto Alegre. Artmed, 2002. p. 83.

No trecho a cima, Mendez nos apresenta dois pontos importantes para tentarmos compreender essa dimensão avaliativa. Um deles aborda a questão sobre *o que* avaliar destacando que é necessário se ter critérios nessa ação. Outro ponto relevante apresentado por Mendez caracteriza a compreensão sobre o processo de elaboração que os estudantes realizam para obter a resposta. Nesse sentido, não caberia ao professor na avaliação buscar apenas os erros, mas, sobretudo, compreender todo o processo que os estudantes realizaram para produzir a resposta final.

Em relação a aprendizagem dos conceitos – como no caso tempo e memória –, Antoni Zabala traz grande contribuição a essa discussão ao mencionar a existência da avaliação dos conteúdos conceituais.⁶¹ O autor destaca que:

Quando os conteúdos de aprendizagem são conceituais, o grau de compreensão dos conceitos é em muitos casos limitados. [...] Teremos que falar de graus e níveis de profundidade e compreensão, algo que implica a necessidade de propor atividades em que os alunos possam demonstrar que entenderam, assim como sua capacidade para utilizar convenientemente os conceitos aprendidos.⁶²

É por meio de avaliações abertas que os estudantes conseguem construir o argumento e, conseqüentemente, exemplificar o conceito. Através disto podemos fazer uma avaliação mais ampla, que consiga abarcar todos os critérios estabelecidos por esta análise. Zabala afirma ainda que o tipo de atividades que podem garantir um melhor conhecimento de cada aluno, em particular, implica na observação do uso de cada um dos conceitos nas suas diversas situações e nos casos que o escolar utiliza suas *explicações espontâneas*⁶³.

Em relação às produções analisadas, é importante ressaltar este espaço que poderia ser mais restrito, mas onde é liberado, de maneira possível, para os estudantes registrarem suas impressões sobre o que aprenderam por meio do projeto. São através destas avaliações não escolares⁶⁴ que conseguimos notar que estas produções contem um caráter mais amplo e livre sobre o conteúdo abordado, elas conseguiram nos apresentar com maior liberdade de expressão, estas aprendizagens dos alunos sobre os conceitos de tempo e memória trabalhados pelo Projeto.

⁶¹ ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

⁶² Ibidem. p. 204.

⁶³ Ibidem. p. 205.

⁶⁴ Entende-se avaliações não escolares, as avaliações que não tem fim escolar, mas que contribuem para o ensino, não fazendo parte das atividades que foram solicitadas a certa do currículo escolar.

Em seguida, analisaremos as produções dos escolares de acordo com o seguinte critério: como os conceitos de tempo e memória abordados pela peça teatral foram interpretados pelos estudantes. Já as fichas avaliativas preenchidas pelos professores, estas nos trazem não apenas comentários em relação à peça teatral, mas ainda sugestões para futuras realizações educativas por parte do MHSC.

4.2 – O que dizem as fichas avaliativas dos professores.

Inicialmente, sobre o número de fichas encontradas no acervo foram de um total de 48, deixo claro que este foi o número que encontrei nesta pesquisa, não excluindo a idéia de poder existir mais documentos como este. Em alguns exemplares encontramos a presença do ano em que foi respondido. Para entendermos e analisarmos as produções, é importante atentarmos para o modo pelos quais as fichas de avaliações dos professores eram solicitadas. O projeto, como dito no capítulo anterior contava com a apresentação teatral nas dependências do MHSC e, posteriormente a esta, era solicitado aos responsáveis pela visita das turmas que registrassem suas impressões sobre a ação educativa. O Museu entregava aos professores e professoras uma folha com a seguinte sugestão a ser atendida de acordo com suas impressões a respeito do projeto: “Gostaríamos que deixasse seus comentários sobre o projeto Escolas no Museu – Ano II, e suas sugestões para futuras edições”. No total, 23 fichas avaliativas foram analisadas por esta pesquisa. Abaixo segue um exemplo:

Figura 7 – Ficha de avaliação do Projeto Escolas no Museu – Ano II (2005)

escolas no MUSEU

ANO II

FICHA DE AVALIAÇÃO

PROFESSOR(A): _____

ESCOLA: B.M. Brigadeiro Eduardo Gomes

CIDADE: Florianópolis

(X) Momentos no Palácio (Teatro)

() Recital Didático

Prezado Professor(a),

Gostaríamos que deixasse seus comentários sobre o projeto Escolas no Museu – Ano II, e suas sugestões para as futuras edições.

O projeto Escolas no Museu veio proporcionar aos alunos momentos importantes de cultura e lazer. A forma de esta trabalhar é através de oficinas, jogos e atividades que os alunos tiveram que compreender tudo com muita facilidade e rapidez de forma prazerosa. Também acesse envolvidos no projeto e aproveite para sugerir o resgate da cultura folclórica de nossa região que é muito rico.

Grande abraço

Acervo: Núcleo de Ações Educativas - MHSC

A ficha acima foi respondida por uma professora da Escola Básica Municipal Brigadeiro Eduardo Gomes, localizada no bairro Campeche – Sul da ilha. A professora destacou o caráter “lúdico” do projeto, que fez com que os estudantes compreendessem os conteúdos a respeito da história de Santa Catarina com maior “facilidade” em relação ao modo como os mesmos são tratados na sala de aula. Deixar mais agradável e prazeroso o aprendizado fora da sala de aula era um dos objetivos do projeto.

A questão do lazer e da cultura também é destacada pela professora, levando em conta que o espaço pode e deve ser explorado para este fim. Sobre o livro didático, é muito mais interessante aprender sobre a Revolução de 30, por exemplo, através de uma peça teatral do que nas páginas dos livros, pois existe uma interação extra que não é abordada no aprendizado através do livro, ao passo que no teatro esse é um elemento contemplado por meio da interação dos personagens com o público. E além do mais, o conteúdo é narrado de maneira simples e clara, através dos exemplos que ilustram ainda mais o fato estudado. Em suas considerações finais, a professora em questão conclui sugerindo que fossem abordados fatos relacionados ao folclore da Ilha, tema recorrente nas escolas da região como forma de os alunos conhecerem a cultura local e suas especificidades.

Nas demais fichas analisadas encontramos uma gama de informações que evidenciam a prática do projeto, bem como o cotidiano do MHSC, espaço visitado. Diferenciadas por regiões do Estado, as professoras e os professores se apropriam do espaço que lhes foi cedido para registrar as impressões. Para uma das professoras que responderam as fichas, o projeto é “[...] de grande valia para o enriquecimento das aulas de história e o conhecimento da tradição e cultura catarinenses.”⁶⁵

Mais do que oportunizar uma mera ilustração cênica de uma história que pode ser contada em sala de aula, o Projeto tem o objetivo de evidenciar questões do cotidiano da região e do Palácio Cruz e Sousa que muitas vezes não são de conhecimento dos catarinenses. Em uma das fichas, uma professora do SENAC de Florianópolis destaca o caráter “universal” do espetáculo, alegando que o mesmo acaba sendo aproveitado por diversas faixas etárias. Especificidade da linguagem utilizada pelo teatro, na tentativa de apresentar de maneira satisfatória e simples os fatos históricos. Além da linguagem, outro ponto positivo da dinâmica do teatro que aparece em mais fichas é o fato dessa ser uma ação atrativa para a concentração do público, tornando assim a visita interativa e divertida.

Um dos pontos que foi ressaltado em uma das fichas avaliativas foi à questão da acessibilidade no MHSC. Uma professora da Fundação Catarinense de Educação Especial menciona:

Os alunos especiais da fundação apreciaram muito a apresentação teatral, porém o museu não está preparado estruturalmente para receber educandos com dificuldades motoras. É uma pena, pois o projeto é merecedor de maior atenção por parte do Estado.⁶⁶

Esta questão é pertinente ainda nos dias de hoje, visto que o MHSC carece de muitas adaptações de seu espaço para que seja de fato um ambiente acessível para aqueles/as que têm alguma dificuldade motora e ou física.

Nas impressões são ressaltadas ainda diversas sugestões para melhorias e possíveis ações futuras como, por exemplo, a confecção de um DVD para o registro da peça teatral, o envio de material extra sobre a temática para que os docentes pudessem trabalhá-las em sala de aula, fortalecendo os processos de ensino-aprendizagens sobre

⁶⁵ Trecho retirado de uma ficha avaliativa de uma professora da E.E.B Prefeito Germano Brandt do município de Indaial/SC sobre a participação do Projeto Escolas no Museu. Acervo: Núcleo de Ações Educativas – MHSC.

⁶⁶ Ficha avaliativa respondida por uma professora da Fundação Catarinense de Educação Especial localizada no município de São José/SC. Acervo: Núcleo de Ações Educativas - MHSC.

os conteúdos no ambiente escolar. A sugestão de uma maior divulgação nas unidades escolares – públicas e privadas – foi a mais mencionada nas fichas.

Elogiado pela maioria das fichas avaliativas analisadas, o projeto consegue assim agradar o público que visitou a ponto de parabenizar inúmeras vezes a sua iniciativa. Espero ter conseguido dar uma visão geral sobre as 23 fichas avaliativas que aqui foram analisadas. Seguiremos com as produções dos alunos que visitaram o museu e suas impressões sobre o que foi visto, ouvido e apresentado.

4.3 – Os/as estudantes e as suas produções

Esse espaço será reservado para apresentar e analisar as produções dos estudantes sobre o Projeto “Escolas no Museu”. Farei a análise do material lembrando que os sujeitos produtores são alunos de escolas públicas do Estado de Santa Catarina. Para uma melhor organização das produções para a análise, dividi-las em duas categorias: as produções artísticas e as produções escritas. Essa divisão diz respeito também às faixas etárias dos alunos que as produziram, bem como as diferentes solicitações das/os professoras/es.

Um dos pontos de inquietação ao longo da análise se deu sobre a procedência das produções dos alunos. Foi então na reta final das pesquisas que encontrei um documento que respondeu algumas questões a respeito das origens destas atividades.

Figura 8 – Carta da professora que visitou o projeto aos personagens Tempo e Memória

São Bento do Sul, 13 de junho de
2.005

Caros personagens
Tempo e Memória

Sou a professora Sueli, das 4^{as}
02 e 04 da E.B.M. Rodolfo Berti, de
São Bento do Sul, que esteve conhe-
cendo o museu no dia 31/05/05, com
as turmas.

Ficamos maravilhados com a apre-
sentação de vocês. Na volta, após
a leitura do gibi e da conversa
sobre a peça teatral, resolvemos escrever
as cartas. Os alunos gostaram muito e
se empenharam para escrever bem por-
que realmente aprenderam e gostaram.
Espero que não seja cansativo
ler tantas cartas.

Um abraço da professora
Sueli

Acervo: Núcleo de Ações Educativas – MHSC

Conseguir compreender que pelo menos as produções dos alunos da E.B.M. Rodolfo Berti de São Bento do Sul, de Santa Catarina, faziam parte de uma vontade da professora e dos seus alunos em enviar uma resposta ao Projeto. Em minhas pesquisas no acervo do MHSC não encontrei até o momento nenhuma solicitação de resposta por parte do projeto aos professores/as e suas turmas. O que nos parece é que essas produções foram resultado de ações isoladas por parte de professores e aluno.

Outras questões que conseguimos perceber com a leitura desta carta é a forma com que foi tratada a visita em sala de aula. Percebemos que houve uma conversa entre professora e alunos a respeito das impressões da visita, suscitada por uma ação posterior por meio da leitura dos materiais que foram doados pelo projeto. Destaco aqui para a importância desta “pós-visita” no processo de aprendizagem. Ricardo Pacheco, em seu artigo “O museu na sala de aula”⁶⁷, afirma que para utilizarmos o museu em sala de aula é preciso ter em mente que a visita se inicia muito antes do professor e seus alunos chegarem ao museu e se estende para além deste momento. Pacheco destaca que a

⁶⁷ PACHECO, Ricardo de Aguiar. Os Museus na sala de aula: Propostas para o planejamento de visitas ao museu. **Tempo e Argumento** Florianópolis, v. 4, n. 2 pp. 63 – 81, jul./dez. 2012. p. 68

qualidade da atividade e seu significado pedagógico dependem da qualidade do cuidado do professor no momento do planejamento da ação.⁶⁸

Planejar a atividade aproveitando a temática que foi apresentada por meio da peça teatral faz com ela seja mais uma ferramenta de fixação do conteúdo onde será refletido por eles, compreendendo e fazendo links com outras temáticas, trazendo qualidade para o processo de aprendizagem. A seguir apresento sobre as produções analisadas.

4.3.1 Produções Artísticas

Diante disto destaco que os materiais encontrados foram provenientes de vários municípios do estado de Santa Catarina. Não há registro do agendamento escolar, e por essa razão é não podemos afirmar se o mesmo era um convite do projeto às escolas ou as instituições escolares solicitavam a visita e, posteriormente, eram contempladas.

Foram analisadas pouco mais de 44 produções artísticas provenientes das séries (hoje chamadas de anos) iniciais do ensino fundamental II⁶⁹. Devemos considerar que a escolha por uma elaboração artística pode ter sido uma proposta dos docentes aos alunos, deixando-os mais livres para criar desenhos que expressassem suas percepções a respeito da ação educativa no museu.

O critério desenvolvido para a análise das produções neste trabalho se baseou na maneira como foram desenvolvidos pelos alunos os conceitos de tempo e memória discutidos no capítulo anterior. Ao iniciar a análise das produções, a presença do que mais chamou a atenção dos alunos e alunos. Afirmamos dizer que a intenção de deixar registrado o que mais lhe “saltou aos olhos”, seja por entusiasmo, originalidade, estranheza ou até mesmo a grandeza do monumento foi uma recorrência nas atividades. Contudo, destaco novamente para a ausência de informações sobre os critérios, ou mesmo dos objetivos, pelos quais os professores orientaram essas produções. Não foram encontrados registros que esclareçam essa questão, apenas podemos supor que foi solicitado aos alunos que apresentassem através de ilustrações o que aprenderam com a ação educativa realizada no MHSC durante a visita.

Em diversas produções foram abordadas a questão “viagem ao tempo”, justificando que o projeto lhes proporcionou um movimento de “viagem” no sentido de

⁶⁸ Ibidem. p. 69

⁶⁹ O ensino fundamental II na nomenclatura anterior seria da 5ª série a 8ª série (atualmente chamado de 6º ano ao 9º ano).

sair de onde estavam e ir a outra época, lugar e costumes. Segue, abaixo, uma dessas produções que contempla essa noção de “deslocamento” no tempo.

Figura 9 – Produções artísticas sobre o Projeto “Escolas no Museu”



Acervo: Núcleo de Ações Educativas – MHSC

Um fato curioso que pude perceber a partir da primeira ilustração (da esquerda para a direita) é o comentário escrito no canto superior esquerdo: “Este museu fez eu voltar ao passado, como se eu estivesse dentro da história!”. A percepção da aluna foi de sentir-se “dentro da história”, no caso, a história do Palácio Cruz e Sousa. Ao ampliar esta questão, notamos que este deve ser um ponto a ser trabalhado pelo docente, ou seja, enfatizar que temos sim lugar na história, e que esta é feita pelos sujeitos e suas ações. Na ilustração apresentada acima, percebemos uma apropriação diferente da noção de “história”, pois para ela consiste na história do Palácio, destacando o cotidiano das elites e seus costumes.

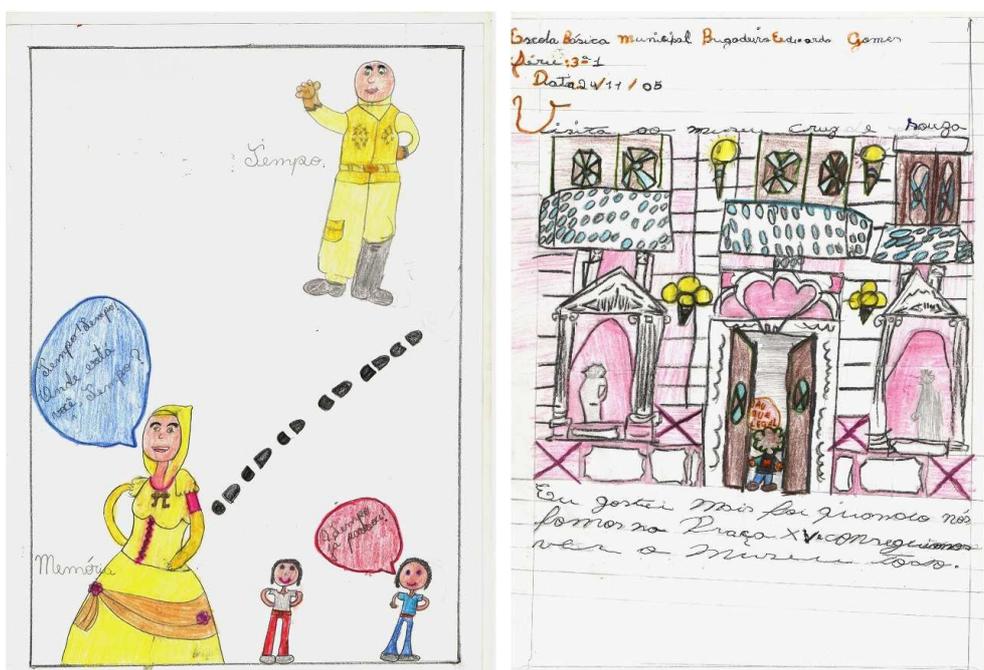
Na outra ilustração (2ª ilustração da esquerda para a direita) temos a reprodução das falas dos personagens com relação aos conceitos históricos – “Tempo não vive sem memória” e “Memória não vive sem tempo”. A intenção do projeto foi contemplar essas noções por meio dos personagens e suas falas na peça teatral e demais materiais didáticos do projeto, evidenciando a inter-relação entre esses conceitos para o entendimento dos processos históricos. Em outra produção, encontramos a elaboração de uma história em quadrinhos a fala da personagem Memória: “Tempo, quanto tempo você está aqui?”⁷⁰, seguida da resposta do personagem Tempo: “Pois memória eu ... O mesmo tempo que você, pois sem você não existo”. Neste ponto percebemos que a

⁷⁰ Algumas falas dos personagens são reproduzidas com exatidão nas produções dos alunos, suponho com isto que podem ter sido derivadas do manuseio do material didático em sala de aula.

relação entre tempo e memória é de coexistência, ou seja, a dependência de um para a existência e perpetuação do outro.

Encontramos, basicamente, o mesmo diálogo em duas produções. Em uma delas a aluna responde ao personagem da Memória quando esta pergunta “Tempo, Tempo, cadê você Tempo?”. Eis que a aluna responde por meio do desenho de uma boneca: “O tempo já passou, agora só restou a memória”. Percebemos o destaque dado às características da noção de memória ao problematizar sua ação na história, ou seja, sua capacidade de sobreviver após o tempo vivenciado.

Figura 10 – Produções artísticas sobre o Projeto “Escolas no Museu”



Acervo: Núcleo de Ações Educativas – MHSC

Outro ponto nas ilustrações é a presença do que mais gostaram durante a visita. O desenho a cima (2ª da esquerda para direita) aborda a atividade que mais agradou ao aluno: a visita à Praça XV de Novembro. A partir da praça o aluno pode visualizar a edificação do MHSC por inteiro, observando aspectos específicos da arquitetura de estilo eclético que foram então representados no desenho. Outras produções abordam alguns objetos destacados pela visita como, por exemplo, a primeira lâmpada acesa na cidade, os móveis do período palaciano, as histórias sobre os governadores que viveram no Palácio, bem como os elementos arquitetônicos do interior da edificação.

É através das produções que as percepções, impressões e conclusões sobre a visita foram contempladas pelos alunos através de suas ilustrações. A seguir as produções textuais dos alunos, onde irão completar esta parte que tem como objetivo a análise através da leitura.

4.3.2. Produções Textuais

Além das ilustrações abordadas anteriormente, os alunos das escolas da rede pública estadual também elaboraram produções escritas com suas impressões a respeito da visita ao projeto no MHSC. As produções textuais que serão analisadas a seguir fazem parte da fase de “resultados”. Ao total, foram analisadas para este trabalho 67 produções textuais produzidas pelos alunos das 4º, 6º e 8º do ensino fundamental das escolas estaduais Altino Flores, localizada no município de Anitápolis; E.E.F Deputado Walter Vicente Gomes, do município de Tijucas; e da E.B.M. Rodolfo Berti, situada no município de São Bento do Sul.

Impressionou-me a intenção dessas produções, elaboradas como cartas endereçadas aos personagens e ainda como um relatório de saída de campo (modo pelo qual é nomeado por uma das aulas). Na maioria das vezes, percebemos a recorrência a um modelo bastante descritivo do que foi apresentado pelo projeto e do que foi visto pelos escolares.

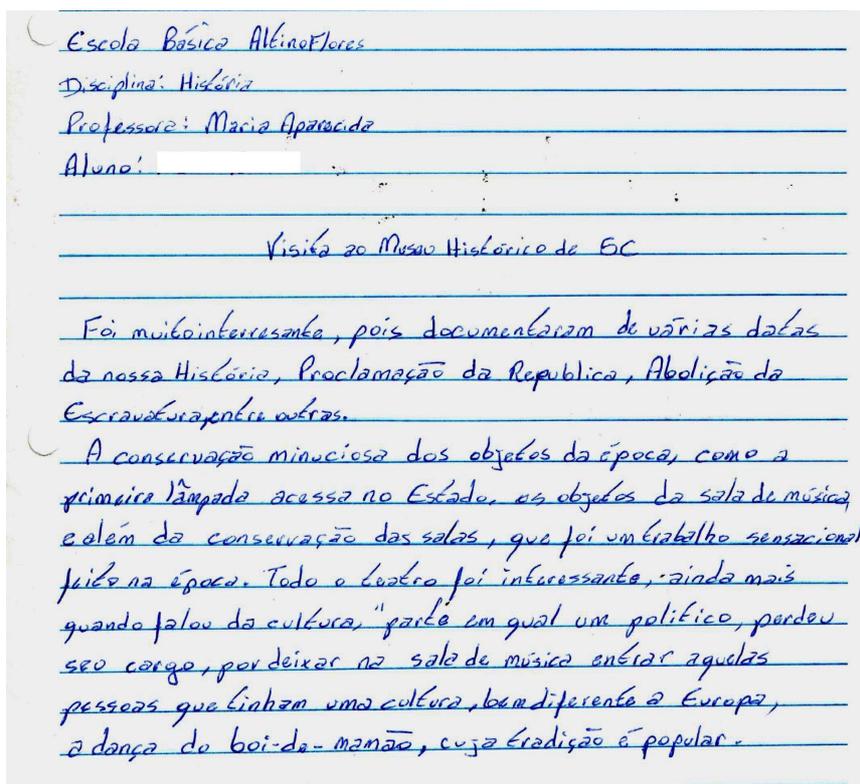
Ao analisarmos essas produções escritas podemos perceber dois momentos nas cartas endereçadas ao Projeto: primeiramente, uma apresentação pessoal e as suas impressões sobre o Projeto, seguidos por uma tentativa de registrar o que foi aprendido com o projeto. As frases usadas nas cartas tentam resumir o aprendizado sobre os conceitos de tempo e memória, dos quais podemos levantar algumas questões.

Em uma das cartas descreve-se: “Eu aprendi que o tempo passa, mas na memória fica o que já passou”. Em outra produção o aluno relata “Eu aprendi que o tempo pode passar, mas o que a gente aprende fica guardado na memória”. Nestas duas pequenas frases podemos fazer menção aos conceitos estudados e problematizados por este trabalho. Por meio dessas produções podemos avaliar os entendimentos construídos pelos alunos a respeito desses conceitos, tendo por ação geradora a visita ao MHSC e a participação nas atividades do projeto. No entendimento dos alunos, a ideia de tempo é caracterizada como algo que “passa”, que esteve e que agora não está mais, independente da época estudada, lembrando que a forma como vemos o tempo é

construída, ele está presente mais faz parte de um contexto. Já a memória é apresentada onde ficam depositadas as lembranças do vivido. Uma de suas características é o armazenamento e a recuperação de informações sobre o vivido. Uma das reflexões que devem ser feitas para além da função memorização seria a noção da memória como construção do presente, como um trabalho de (re)elaboração do passado e não como as simples memorização que pode ser “resgatada”.

Além de descrever o que lhes foi apresentado, as cartas evidenciam ainda as dúvidas dos alunos. Em uma delas, uma aluna se questiona “porque [sic] tempo corre tão rápido? e “porque [sic] a Memória guarda tantos fatos?”. Fazendo referência ao que foi visto durante a peça, o aluno encontra na carta endereçada ao projeto uma possibilidade encontrar respostas às questões que não lhe ficaram claras. Talvez o aluno tenha tido receio de perguntar no meio da dinâmica e aproveitado esse espaço para retomá-las em particular.

Figura 11 – Produção textual de um aluno da E.B. Altino Flores. Florianópolis, 2005.



Acervo: Núcleo de Ações Educativas – MHSC

Na produção acima conseguimos identificar a noção de preservação que o aluno expõe sobre os acervos históricos. A preservação como uma prática recorrente nos museus vai de encontro com as questões debatidas no âmbito da educação patrimonial,

pela qual são pensadas medidas para a salvaguarda e difusão dos bens culturais e, principalmente, para o “desvendamento” de seus significados⁷¹.

Outro ponto abordado pelo aluno foi o espaço do palácio, ambiente este comumente destinado à cultura elitista. Uma exceção da época aconteceu quando por vontade de um governante⁷², o boi-de-mamão, prática da cultura popular, é convidado a entrar e se apropriar do espaço, causando espanto naqueles que mais tarde saberiam do acontecido. Percebemos que o aluno se ateu aos fatos narrados a respeito da “ordem social”, destacando as possíveis apropriações do mesmo espaço para diferentes fins e exceções ao longo da história.

Em uma das cartas, o aluno escreveu “Eu aprendi que o tempo e a memória fazem parte da nossa vida, se não existissem não lembraríamos das coisas do passado e também se o tempo não existisse o tempo não iria passar [...]”. A partir dessa frase, compreendemos que para o aluno é por meio da memória que guardamos as lembranças do passado. Destaco que a noção de memória vai além da lembrança, ela é uma reconstrução que depende muito do contexto vigente.

O tempo seria apenas responsável pela duração das coisas, na sua ausência ficaríamos estacionados no mesmo “lugar”. Schmidt e Cainelli relembram que estas noções temporais abordadas pelos alunos são as compreensões que podemos aprender sobre os tipos de tempo e as suas profundidades temporais.⁷³ Questão que é complexa ao ponto de pensarmos na permanência e ausência do tempo, como elemento fundamental para compreendermos a narrativa histórica.

A ausência de documentos que informem a finalidade exata do envio das cartas pode ser em parte respondida por alguns elementos descritos nas mesmas. Em uma das cartas elaboradas pelos alunos encontramos a seguinte descrição da dinâmica da sala de aula “Agora nós acabamos de desenhar vocês, nós fizemos esse desenho para mandar **para vocês que tanto pediram**⁷⁴ e daqui a 3 dias a carta chega ai no museu.” A parte do texto da carta destacada nos permite perceber que existia, por parte do projeto, uma solicitação de retorno avaliativo no qual a elaboração das cartas se inserem.

A ideia de que “tudo” depende do tempo e da memória é encontrada em outra produção, como no trecho a seguir: “Com este trabalho eu aprendi que a memória e o

⁷¹ Cf. PELIGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio cultural**: consciência e preservação. São Paulo: Brasiliense, 2009, p. 120.

⁷² Acontecimento histórico do Palácio Cruz e Sousa que é apresentado no primeiro capítulo deste trabalho, fazendo referencia ao livro de Manoel Gomes.

⁷³ SCHMIDT; CAINELLI. **Op. Cit.** p. 79.

⁷⁴ Grifos meus.

tempo não se separam nunca dos acontecimentos históricos. E se o tempo e a memória não existissem o Palácio Cruz e Sousa não existiria”. Notamos que é através do conceito (seja ela histórico) que consegue mobilizar as percepções acerca da história, seja ela local ou geral. É na sua ausência que a construção e apropriação da definição seria negada, não existindo.

Outro ponto convergente entre as produções é a presença do “deslumbre” do aluno pela arquitetura e ornamentos do Palácio, sensibilizando para as importantes edificações e sua presença na história catarinense. Ao final de uma das cartas, encontramos uma escrita de despedida: “Que pena que o tempo passou, mas na memória guardarei vocês para sempre”.

Ao refletir sobre produções textuais, encontrei muita descrição dos objetos e das histórias apresentadas pela peça teatral. Na maioria das produções, as noções de Memória e Tempo recorrem aos diálogos dos personagens, trabalhando os conceitos por meio da narrativa produzida pelo encontro entre ambos no Palácio. Os personagens e seus respectivos diálogos foram elaborados a partir dos conceitos que lhes nomeiam, no intuito de facilitar a aprendizagem e diferenciação entre ambos.

Devo mencionar ainda o estado de conservação dos materiais encontrados. Passada aproximadamente uma década, as produções elaboradas pelos alunos da rede de ensino estadual estão em muito bom estado de conservação no acervo do museu. As cartas e desenhos estão praticamente intactos, e podemos supor que a maior parte não foi manuseada após o projeto.

Há ainda outros materiais referentes ao projeto que não foram utilizadas na análise deste trabalho por não contemplarem as questões por hora problematizadas como, por exemplo, documentos que fazem referência a orçamentos e gastos do Projeto, bem como as parcerias feitas para a obtenção dos materiais didáticos. Análises complexas e permeadas de subjetividades fazem parte de um trabalho minucioso que aborda o processo de ensino-aprendizagem. Concluo deixando registrada a importância da temática e de pesquisas futuras sobre a mesma. A seguir, proponho uma breve reflexão sobre a importância dessa análise para pensarmos o ensino de história em diferentes espaços, escolares e não-escolares.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões a respeito da problemática do ensino de história em espaços não-formais de educação me permitiram refletir sobre a importância desse processo educativo fora da sala de aula. Com base na experiência do Projeto “Escolas no Museu”, a discussão foi realizada em torno de um espaço cultural que é de direito de todos e todas e merece ser usado em prol da sociedade. Por isso, reforçar a existência e potencialidade dos espaços de educação não-formal é vital. As questões que por ele são abordadas ficam fora do currículo oficial, questões estas que devem ser refletidas em alguma prática relacionada a esta temática.

A relevância de análises como esta, que aqui foram feitas, utilizando a produção dos alunos a partir de uma ação educativa, para o ensino de história nos espaços não formais de educação. Essa ação é importante para compreendermos os espaços em que o ensino de história pode ser problematizado de maneira a contribuir para a formação da consciência histórica dos alunos e, conseqüentemente, da comunidade.

Também destaco aqui as contribuições que ao efetivar a análise das produções dos alunos fizeram-me revisitar e refletir sobre os métodos avaliativos, abordados nas disciplinas de licenciatura da graduação. As discussões de Zabala, Mendez, Bittencourt, Cainelli e muitas outras proporcionaram inúmeras dimensões do conhecimento escolar.

As apropriações dos conceitos de tempo e memória nas produções dos alunos foram enriquecedoras, pois refletir sobre como o conhecimento histórico é construído por meio das atividades suscitaram dúvidas no início, mas conforme a análise acontecia o entendimento surgia. Lembrando que esta temática engrandece a percepção sobre o aluno e suas cognições com o processo de aprendizagem, fundamental para o ensino de história.

Faz-se necessário destacar ainda o objetivo do Projeto “Escolas no Museu” em aproximar cada vez mais o reconhecimento do espaço da cidade e de seus patrimônios. O Palácio Rosado, hoje Palácio Cruz e Sousa, anteriormente espaço restrito à elite, apresenta-se como um ambiente que é permeado de memória, memória esta que é passível de construção aos olhos do presente.

Diante do processo de modernização das cidades, percebe-se a constante desvalorização e desconhecimento com relação ao patrimônio cultural. Desse modo, foi através desta pesquisa que suscitou a reflexão sobre a necessidade de investimento na área de Educação para a valorização desses bens culturais. São ações como esta

destacada pela pesquisa que utiliza os bens culturais como fonte primária do conhecimento, gerando um diálogo permanente entre os indivíduos e os patrimônios culturais.

Uma educação que visa ações para conservação, preservação e valorização dos bens culturais e com o intuito de desmistificar o senso comum, faz com que os estudantes, a comunidade em geral percebam a sua casa, sua escola, o seu bairro como patrimônios culturais pertencentes a sua história. É sempre mais fácil e cômodo dar valor e significado ao que está distante de nós, e muitas vezes o que está próximo torna-se invisível e não é digno de ser valorizado e preservado. No entanto, o que pode agravar a degradação e a desvalorização do patrimônio cultural é, entre outros motivos, a falta de práticas educativas.

Além disso, esta pesquisa permitiu um enriquecedor contato com documentos do acervo do Museu Histórico de Santa Catarina (MHSC). Em meus levantamentos bibliográficos, pude constatar que este breve trabalho que por ora apresento é o primeiro a utilizar as produções e documentos desta ação educativa no MHSC como problemática. A localização, reunião e organização do acervo arquivístico sobre o Projeto foi uma das contribuições que consegui deixar para a instituição, pensando em futuras pesquisas.

Pretendo, a partir das discussões apresentadas neste trabalho, destacando a temática que aborda as ações educativas e tendo como o pano de fundo o ensino de história no MHSC, colaborar com próximas experiências que tenham por objetivo a problemática do ensino de história em espaços não-formais de ensino, potencializando cada vez mais o museu como espaço de educação.

6. REFERÊNCIAS

FONTES: Neste trabalho foram utilizados documentos relacionados ao Projeto “Escolas no Museu”, produzidos entre os anos de 2004 a 2008 e localizados no acervo arquivístico do Museu Histórico de Santa Catarina.

BIBLIOGRAFIAS

ABUD, Kátia Maria. TEMPO: a elaboração do conceito nos anos iniciais de escolarização. **Historiæ**, Rio Grande, 3 (1): 9-17, 2012.

ARAUJO, Helena Maria Marques. A construção das noções de tempo e espaço no ensino fundamental e médio: possibilidades a partir do trabalho com monumentos. **Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira** (Cap – UERJ) Ano 1. v.1 – nº 2 – Dezembro 2012.

BIANCONI, M. Lucia; CARUSO, Francisco. **Educação não-formal**. Cienc. Cult, Dez 2005, vol. 57, n.4, p.20-20. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/> Acesso em 06 setembro de 2014.

BOITEUX, José Artur. **Águas passadas**. Florianópolis, SC: Livraria Central, 1932.

BRUNHS, Katiane. **O Museu Histórico de Santa Catarina: Discurso, poder e patrimônio**. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC.

CAINELLI, Marlene. Os saberes docentes de futuros professores de história: a especificidade do conceito de tempo. **Currículo sem Fronteiras**, v.8, n.2, pp.134-147, Jul/Dez 2008. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss2articles/cainelli.pdf> Acesso em 25 de novembro de 2014.

DELGADO, Andréa Ferreira. Configurações do campo do patrimônio no Brasil. In: BARRETO, Euder Arrais et. al. **Patrimônio cultural e educação: artigos e resultados**. Goiânia, 2008.

FALCÃO, Andrea. Museu como lugar de memória. In: **SALTO PARA O FUTURO**. Museu e Escola: educação formal e não formal – Ano XIX – nº 3 – maio de 2009. Secretaria de Educação a Distância – Ministério da Educação, p. 12. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012191.pdf> Acesso em 10 setembro de 2014.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves. **Museus: dos gabinetes de curiosidades ao museu moderno**. Belo Horizonte: Argymentvm, 2005.

GOMES, Manoel. **Do palácio rosado ao palácio Cruz e Sousa – Quando, como e porquê**. 2a Ed. Florianópolis, 1980

GONÇALVES, José S. **A Retórica da Perda**. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ/ Ministério da Cultura/ IPHAN, 1996

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. Educação Patrimonial. In: BARRETO, Euder Arrais et. al. **Patrimônio cultural e educação: artigos e resultados**. Goiânia, 2008.
LE GOFF, Jaques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão... [et al.]. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

MENDEZ, Juan Manuel Alvarez. **Avaliar para conhecer: examinar para excluir**. Porto Alegre. Artmed, 2002.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n.10, p. 12-13, dez. 1993

PACHECO, Ricardo de Aguiar. Os Museus na sala de aula: Propostas para o planejamento de visitas ao museu. **Tempo e Argumento** Florianópolis, v. 4, n. 2 pp. 63 – 81, jul./dez. 2012.

PELIGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio cultural: consciência e preservação**. São Paulo: Brasiliense, 2009

PEREIRA, Rosa Maria Alves. Gabinetes de curiosidades e os primórdios da ilustração científica. **Atas do II ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE: estudos transdisciplinares e métodos de análise**. Campinas, SP: IFCH / UNICAMP, 2006. Disponível em:
<http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2006/PEREIRA,%20Rosa%20Maria%20Alves%20-%20IIIEHA.pdf> Acesso em 24 setembro de 2014.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino de história**. Chapecó: ARGOS, 2004.

RODRIGUES, Ana R. O museu histórico como agente de ação educativa. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. Vol. 2, nº 4. Dezembro de 2010.

SANTOS, Maria Célia T. **A Escola e o Museu no Brasil: uma história de confirmação dos interesses da classe dominante**. Disponível em:
<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/306/215>
Acesso 12 de setembro de 2014.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2004.

SILVA, Tathianni Cristini da. **O patrimônio cultural no centro de Florianópolis: um estudo do Museu Histórico de Santa Catarina e o Museu Victor Meirelles na preservação e produção da cultura**. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2004.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.